

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Sirlei da Silva Rodrigues

**DESENVOLVIMENTO DA MORAL E FORMAÇÃO DE VALORES NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Belo Horizonte
2012**

Sirlei da Silva Rodrigues

**DESENVOLVIMENTO DA MORAL E FORMAÇÃO DE VALORES NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Célia Passos Ribeiro de Campos

**Belo Horizonte
2012**

Sirlei da Silva Rodrigues

**DESENVOLVIMENTO DA MORAL E FORMAÇÃO DE VALORES NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação / Universidade Federal Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Célia Passos Ribeiro de Campos

Aprovado em de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Professora Doutora Regina Célia Passos Ribeiro de Campos – Departamento de Ciências Aplicadas à Educação - Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais – FAE/UFMG

Membro da Banca Examinadora

Professora Doutora Livia Maria Fraga Vieira – Departamento de Administração Escolar - DAE Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais – FAE/UFMG

Agradeço a Deus pelo dom do conhecimento,

À minha família pelo apoio,

Às famílias e alunos da Turma da Alegria que foram inspiração para esse trabalho,

Aos professores e orientadores do curso:

Minha infinita gratidão.

RESUMO

Este trabalho tem como eixo central o estudo sobre a criança e sobre como são formados os valores morais durante o processo de construção da moral influenciado pelas relações estabelecidas entre ela, a família e, a escola. A pesquisa e seu plano de ação foram realizados em uma turma da Educação Infantil, da rede municipal de Belo Horizonte. O objetivo principal foi analisar a construção desse processo em um grupo de 19 crianças de cinco a seis anos da Educação Infantil. Os estudos de Piaget fundamentaram este trabalho sobre a construção da moral na infância e a importância das interações sociais estabelecidas pelas crianças em seu desenvolvimento. A metodologia utilizada foi a de pesquisa-ação sendo os instrumentos de pesquisa: a observação; o registro escrito das famílias sobre a história de vida da criança, no que se refere à temática da formação de valores morais nas relações estabelecidas por seus filhos em casa e na escola. E, por fim, foi realizado um plano de intervenção através do “Projeto Eu e Todo Mundo” que tratou da formação da identidade dessas crianças, tendo o lúdico como momento de prazer e instrumento capaz de proporcionar formas de pensar sobre as brincadeiras, o respeito a combinados e regras já pré-estabelecidas. Nessa intervenção, foram realizadas atividades lúdicas com as crianças e consideradas suas ações e manifestações. Os resultados demonstraram que a criança desenvolve o processo de moralidade através das interações que estabelece com outros e, neste processo, a família é a principal fonte de princípios e valores que a criança considera positivo, e a escola, com toda a diversidade tecnológica e cultural da atualidade, constitui um espaço fundamental para criança vivenciar experiências valorosas que podem influenciar em sua formação moral.

Palavras-chave: Educação Infantil, formação da moral e valores, família, criança e limites.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. OBJETIVOS.....	10
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
CAPÍTULO 1 - O DESENVOLVIMENTO MORAL E A FORMAÇÃO DE VALORES NA INFÂNCIA.....	12
1.1. Ética e Moral na Educação Infantil	14
1.2. Jogos coletivos: Instrumento de prazer, interação e forma de pensar.....	19
CAPÍTULO 2 - A FAMÍLIA E A ESCOLA NA FORMAÇÃO MORAL DAS CRIANÇAS	22
2.1. O papel da Família na Formação de valores da criança.....	23
2.2. O papel da Escola e a Formação de valores da criança de cinco anos.....	26
2.3. A relação família / escola e o processo de formação moral na Educação Infantil	29
CAPÍTULO 3 - PLANO DE AÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	31
3.1. Perfil da turma	32
3.2. Plano de Ação e Intervenção	33
3.3. Descrição e análise dos dados.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da moral e a construção de valores na formação humana é um tema que envolve a Educação desde os primórdios da história da sociedade. Pesquisadores das Ciências Humanas, em especial da Psicologia, sempre buscaram compreender como esse processo se constrói no tempo e no espaço e, sobretudo, identificar quais os desafios e as contribuições que essa construção traz para o homem na sociedade.

Nos últimos dezessete anos trabalhando na Educação Básica tenho observado a necessidade de aprofundar o estudo sobre este tema. Durante este período aperfeiçoei minha formação com o curso de Pedagogia com Ênfase em Ensino Religioso pela Universidade Católica de Minas Gerais.

Com a bagagem desta formação somada a minha experiência como educadora; sendo três anos como auxiliar de educação com crianças de 06 à 14 anos, oito anos na Educação Infantil com crianças de 04 e 05 anos, três anos como Coordenadora Geral de uma Organização Não Governamental conveniada com Prefeitura de Belo Horizonte e quatro anos como coordenadora pedagógica da Educação Infantil na rede conveniada e rede municipal respectivamente; e, observando o processo de interação das crianças com as quais trabalho na Educação Infantil, percebo em algumas situações coletivas um dilema entre o que é certo e o que é errado nas relações estabelecidas entre as crianças, elas se mostram confusas quanto às regras de convivência no grupo.

Este dilema causa alguns conflitos que contribuem na constituição do sujeito, porém, algumas vezes, precisam ser mediados para que atitudes de agressividade de um com o outro deixem de acontecer, não somente porque essas atitudes não são socialmente aceitas, mas por que essas situações de conflito são importantes na formação da criança, pois as auxiliam a resolverem os problemas que sempre existirão quando nos relacionamos uns com os outros.

Neste contexto, surge a questão do respeito ao outro, a suas idéias e concepções que muitas vezes são bem diferentes das nossas. Enquanto ser social, que difere dos outros seres vivos na relação com o outro, o ser humano vai se transformando por meio da linguagem. Assim, a criança nesse processo de

construção de valores, vai se reorganizando constantemente, a partir de experiências que se inicia desde pequena, isto significa que,

...as estruturas lógicas e o conhecimento físico começam a ser elaborados desde o nascimento e o que faz a diferença entre uma criança e um adulto não é a presença ou ausência de certas capacidades, mas sim o nível de sofisticação de cada uma delas. Tal desenvolvimento é naturalmente fruto de maturação biológica, de variadas experiências de vida e de ensinamentos formais (o que se aprende na escola, por exemplo), mas esses três fatores, diferentes entre si, são harmonizados por um processo psicológico ao qual Piaget dá o nome de equilíbrio. O processo de equilíbrio é devido a uma capacidade inerente a todos os indivíduos: a capacidade de auto-regulação, ou seja, de auto-organização. (La Taille, 2006, pag. 15)

Esse processo de reorganização de regras e atitudes interfere no desenvolvimento das turmas da Educação Infantil em nossa escola e me levou a questionar como acontece a formação de valores e o desenvolvimento moral da criança e, como esse processo influencia as relações estabelecidas entre elas no espaço da Educação Infantil.

Entender essa questão pode ser possível, quando passamos a entender a prática educativa como um processo que perpassa o ambiente das relações humanas, influenciando e educando o indivíduo conforme os valores já estabelecidos em um meio social.

Neste sentido, torna-se urgente pensar sobre a formação moral na infância, em especial na Educação Infantil, mesmo sendo esta, uma questão complexa que, muitas vezes, foge do controle dos profissionais que trabalham nesta área.

Hoje, como Educadora Infantil, na Rede Municipal de Belo Horizonte, tenho vivenciado essa experiência constatando a relevância de se perguntar sobre a questão da formação de valores e a influencia dessa formação no processo de interação das crianças na Educação Infantil. Observando o comportamento das crianças de cinco anos, com as quais trabalho, percebo a cada ano uma crescente necessidade de conversar com as famílias sobre questões relacionadas à formação da moral na infância.

Observo que várias atitudes dessas crianças demonstram detalhes de suas vivências fora da escola: a forma de se relacionarem umas com as outras, a forma de conversar, de olhar, de responder, conversas simples entre elas, representam muito dos valores que regem seu cotidiano. Algumas dessas manifestações são aceitas e outras são carregadas de condutas que incomodam todo o grupo de crianças.

Essas manifestações poderiam ser compreendidas como uma forma “natural” por se tratar do desenvolvimento infantil, de um período de construção do sujeito na sociedade. Porém, após as conversas com as famílias, observei que não houve melhoria nas atitudes de algumas crianças e, ouvi de algumas famílias, que elas não conseguiam oferecer limites a seus filhos e com isso, surgiam vários comportamentos inadequados que afetavam não só o convívio escolar, mas também o familiar.

Neste sentido, este estudo tornou-se relevante ao apontar caminhos para a compreensão de muitas manifestações e atitudes das crianças, colaborando para uma formação social e ética do indivíduo, uma vez que compreender esse processo pode levar a minimizar transtornos e constrangimentos daqueles que, de alguma maneira, trabalham e convivem com as crianças no ambiente escolar.

O desafio é buscar formas para trabalhar essa questão contribuindo assim, para formação integral das crianças que torna, em sua essência, o principal objetivo de nós professores. Para a família, saber lidar com essa questão é também fundamental, pois, ao mesmo tempo em que, modifica a ação dos pais na formação dos filhos e oferece subsídios para amenizar conflitos que surgem na formação da criança para vida adulta.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL:

- Analisar criticamente o desenvolvimento da moral, a questão dos limites e o processo de formação de valores em um grupo de 19 crianças de 05 anos.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar a importância e as conseqüências da formação moral e ética para a vida escolar e social da criança.
- Registrar e discutir a prática pedagógica, à luz das teorias psicológicas, no processo de desenvolvimento da moral na infância.
- Evidenciar como a ação pedagógica direcionada aos fundamentos morais e éticos se transforma em um processo relacional que modifica, transforma e qualifica o ambiente escolar.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos de Piaget fundamentaram este trabalho sobre a construção da moral na infância e a importância das interações sociais estabelecidas pelas crianças em seu desenvolvimento.

Sobre a questão dos limites na formação da criança tendo como foco a construção da moral na infância, o trabalho do psicólogo francês Yves de La Taille em seu livro *Limites Três dimensões educacionais*, constituiu o principal embasamento para o entendimento desta questão no processo de desenvolvimento infantil.

O trabalho de Rheta DeVries e Betty Zan sobre a educação construtivista associado, à proposta pedagógica do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil ressaltou a importância da prática pedagógica no processo de formação e desenvolvimento da moral no ambiente da Educação Infantil.

CAPITULO 1. DESENVOLVIMENTO MORAL E FORMAÇÃO DE VALORES NA INFÂNCIA

A educação construtivista tem como princípio fundamental o cultivo do ambiente sócio-moral onde o respeito pelo outro deve ser continuamente praticado. No livro *A Ética na Educação Infantil: o ambiente sócio-moral na escola* Rheta DeVries e Betty Zan afirmam a importância das interações entre as crianças e entre elas e outros que fazem parte de suas relações sociais no desenvolvimento social e moral das crianças. O trabalho dessas autoras se sustenta nas pesquisas e teoria do psicólogo suíço Jean Piaget que, embora não tenha dado continuidade aos estudos sobre o Julgamento Moral (Piaget, 1932/1965), salientou em outros trabalhos, a indissociabilidade do desenvolvimento intelectual, social, moral e afetivo.

Sobre as relações interpessoais estabelecidas pelas crianças nas suas diversas experiências de vida, Piaget em seus primeiros trabalhos destacou a importância da vida social da criança para o desenvolvimento da inteligência, moralidade e personalidade. Em 1932, ao publicar a obra “O julgamento Moral na criança”, Piaget desenvolveu a perspectiva sobre o desenvolvimento do juízo moral na criança, partindo do princípio de que: “Toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (pag. 11).

Piaget (1932) defende a concepção de que o sujeito constrói o respeito a regras e valores podendo, até transformá-los a partir de sua interação no grupo social. O autor destacou três etapas do desenvolvimento infantil que devem ser analisadas no processo de desenvolvimento moral na criança: (1) a anomia – estado em que se encontram as crianças até cinco ou seis anos que não seguem as regras coletivas, estão apenas interessadas em brincar; (2) a heteronomia – etapa em que se encontram as crianças de sete a dez anos. Nesse período, as crianças têm interesse em atividades coletivas, porém, ainda não entendem o sentido das regras e as vêem como algo imposto por uma autoridade externa, geralmente os pais ou professores e que não lhes cabe discutir por ser percebida como uma tradição; e, (3) a autonomia, fase em que a criança, a partir dos onze anos, já faz uma reflexão sobre suas ações e participação nas atividades coletivas. Nessa fase, a criança começa a dominar a lógica e as características próprias do pensamento adulto.

Ao observarmos o desenvolvimento de algumas crianças na Educação Infantil, encontramos situações que retratam a superação da etapa da anomia no desenvolvimento moral da criança. Essa mudança parece ser provocada pela interferência de nossas mediações, pois, como educadores praticamos intervenções de cunho moral mesmo que, não tenhamos uma intenção explícita e planejada para esse fim. Piaget registra a importância dessa mediação na formação moral da criança, ele considera a moral heterônoma indispensável para a formação de uma moral autônoma, sendo o papel do adulto fundamental nesse desenvolvimento.

Algumas situações presentes no trabalho da Educação Infantil nos dão oportunidade de mediar conflitos característicos de crianças da faixa etária de 5 e 6 anos, são nestes momentos, que percebemos a estreita relação da educação moral e o respeito às regras na convivência social das crianças. A criança participa de vários universos sociais desde muito pequena: A família, os parentes, os vizinhos, grupos da igreja, em fim, diferentes vivências que transmitem uma diversidade de valores, crenças e conhecimentos. Toda esta variedade de experiências vai contribuindo para construção da identidade infantil, a criança vai, gradativamente, formando sua personalidade através das interações que estabelece com o outro.

Neste sentido, é fundamental o papel da família, da comunidade e da escola na formação integral da criança. Pois nestes ambientes formadores a criança encontra adultos que ela considera superior, em quem deposita sua confiança, imita suas atitudes e, acredita totalmente naquilo que lhes é ensinado.

Na perspectiva de uma herança cultural, é evidente marcas na sociedade atual que são reflexos das vivências e valores familiares, de comunidades e escolas, que ajudaram a formar os indivíduos. Então nos questionamos se o que observamos na atualidade é o que queremos para as gerações futuras. O psicólogo francês Yves de La Taille (2001), em seu livro *Limites Três dimensões educacionais*, disserta sobre a questão do desenvolvimento e da formação moral na infância, tratando a questão dos limites tão problemática para as famílias. Sua posição é clara ao definir três faces essenciais relacionadas à questão dos limites e o desenvolvimento da moral na criança: o ir além, a liberdade e o acesso ao outro.

A primeira refere-se a “transpor limites: maturidade e excelência”. A infância como primeira etapa da vida requer que sempre haja uma superação – é preciso superar a fase de engatinhar para andar livremente, é preciso escrever seu nome como a professora até o escrever sozinho, em fim, é preciso sempre ir além, o

desenvolvimento humano é sempre uma aventura de transpor limites.

Ao considerarmos o limite como um marco entre um espaço e outro, verificamos que ambos são diferentes e, se, no campo da formação humana, encontramos esta questão podemos entender que, “educar uma criança, longe de ser apenas impor limites, é antes de mais nada, ajudá-la cognitivamente e emocionalmente a transpô-los, ir além deles, pois “a criança não deseja nada além do que não ser mais criança”. (De La Taille, 2001, p. 15).

Outra face da metáfora do limite diz respeito a uma fronteira que não deve ser ultrapassada, ou seja, diz respeito à liberdade. Limite e liberdade estão diretamente ligados e se chocam nesta relação. No momento em que surge a imposição de regras que tanto podem ser normativas ou físicas, o correto, aquilo que se faz necessário é “respeitar limites: o permitido e o proibido”.

A terceira face apresentada pelo autor demonstra que, “... a construção da personalidade e a conquista da autonomia passam pelo controle seletivo do acesso de outrem ao eu, pela construção de fronteiras da intimidade (De La Taille, 2001, p. 139)”.

O desenvolvimento da moral na infância é formado a partir de relações sociais que influenciam diretamente a personalidade da criança, seus medos, sua confiança, o olhar sobre si mesma e para o outro vão sendo construídos e reconstruídos gradativamente. Neste processo, a criança vai percebendo a importância de “impor limites: intimidade e segredo”, fatores fundamentais para a vida em sociedade.

1.1. Ética e Moral na Educação Infantil

A volta das discussões e preocupações com as temáticas que envolvem as questões éticas e morais, no cotidiano da escola e da sociedade em geral, reflete a crise moral que vivenciamos constantemente e vislumbramos a importância dessa temática no processo educacional. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil destaca a dimensão ética na Educação Infantil ao afirmar que: “Um projeto de educação que almeja cidadãos solidários e cooperativos deve cultivar a preocupação com a dimensão ética, traduzindo-a em elementos concretos do cotidiano na instituição.” (RCNEI, vol. II, p.16)

Para compreender o processo de formação de valores e o desenvolvimento

da moral na infância, considerando as influências desse processo na Educação Infantil, é fundamental estabelecer um diálogo sobre a convivência social na escola. Faz-se necessário, ainda, aprofundar a análise e a reflexão de algumas situações observadas em sala de aula, acolhendo como objetivo de investigação a importância desse processo na formação da identidade da criança considerando também, as transformações sociais da atualidade.

É assim que a Educação como Formação Humana toma um sentido maior que apenas a educação escolar. La Taille (2001), em seu livro *Limites: três dimensões educacionais considera* a dimensão ética como uma dimensão que vai além do individual, quando afirma:

Sim, vamos trabalhar a moral com as novas gerações, vamos ajudar as crianças a construir valores, a pautar seus comportamentos por regras, a situar-se além e aquém de certos limites. Mas não vamos crer e fazê-las crer que dimensões outras, como a do poder e da política, são desprezíveis, ou simplesmente decorrência de mudanças pessoais, em que pese a sua força. A violência não se deve apenas à falta de ética de alguns: e a pobreza? E as injustiças? E as humilhações? O individualismo egoísta não é apenas resultado de vícios morais: e a sociedade de consumo? E o valor sacrossanto do lucro? A preocupação com transformações pessoais é boa, mas não pode nos fazer esquecer que as transformações sociais permanecem necessárias. Portanto, as preocupações éticas não podem se dar em detrimento das preocupações políticas. Assim, se me alegro em ver o tema de minhas investigações acadêmicas sobre desenvolvimento moral infantil receber eco na sociedade, também me preocupa o fato de que tal eco possa ser simples moda passageira (tanto se escreve e se fala sobre ética na atualidade!) ou pretexto para reducionismo de toda ordem. (Prefácio, p.9 e 10)

No cotidiano da instituição de Educação Infantil a criança tem a oportunidade de alargar suas possibilidades de convivências com outras crianças da mesma faixa etária, de faixas etárias diferentes e com adultos de culturas e hábitos diferentes. Ao participar de atividades e brincadeiras que exigem um movimento interno de afetividade e aprendizado, isto é, manifestações diretas do sentimento de afeto que dedicamos a nós mesmos ou a outros que nos cercam, nos permite externar e sentir respeito pelo outro e, conseqüentemente, por nós mesmos, é assim que essas atividades tornam-se um exercício que proporciona à dimensão ética começar a existir quando reconhecemos no outro um pouco de nós mesmos.

Maria Lúcia de Arruda Aranha, em sua obra *Filosofando: Introdução à Filosofia* nos permite de forma simples e concreta pensar sobre a essência dos valores, da moral e da ética. Ela coloca que quando “somos mobilizados pela afetividade” e, de alguma maneira, não ficamos indiferentes a algo ou a alguma coisa ou pessoa ou situação, quando somos afetados por estes, emitimos um valor.

O valor não é o mesmo que ser. O valor manifesta a não indiferença a algo que existe constituindo, a “variedade ontológica que contrapõe o valor ao ser”.

A essência do valor é justamente essa não indiferença. Herdamos os valores do nosso convívio social – esse mundo cultural que representa e coloca à nossa disposição um sistema de significados que nos informam como devemos comportar em diversos lugares sociais, como devemos tratar as pessoas, os seres vivos e não vivos; o que é importante ou o que podemos desconsiderar; o que é padrão de normalidade ou anormalidade, o que é dever e o que é direito no convívio social.

Há “diversos tipos de valores (econômicos, vitais, lógicos, éticos, estéticos, religiosos)” e à medida que transgredimos os padrões estabelecidos por uma sociedade em relação a cada um deles, somos avaliados em nossas ações que recebem os conceitos de boas ou más. A partir da valoração das pessoas, somos recriminados ou elogiados e, assim, nos transformando em seres morais e éticos dentro de uma sociedade e cultura.

A Moral e a Ética são conceitos interdependentes, um dá sentido ao outro, porém, freqüentemente são usados como sinônimos em resposta a certas atitudes do homem em suas relações com o outro. Segundo Maria Lúcia de Arruda Aranha, 1993, o conceito de moral é utilizado na literatura de uma forma ampla como um conjunto de regras de conduta admitida por um grupo social em um determinado tempo; e o conceito de ética é utilizado no sentido da filosofia da moral, considerada a parte da filosofia que se ocupa com a reflexão a respeito das noções e princípios que fundamental a vida moral.

A moral possui um caráter histórico e social, sem ela o mundo humano, que se constitui simbolicamente, não poderia se organizar no tempo e no espaço. O homem se diferencia dos outros animais por instituir proibições e aplicar, às transgressões destas proibições, punições que respondem ao fato do comportamento humano estar de acordo ou não com as regras pré-estabelecidas pelo grupo social. Observando as crianças foco desta pesquisa, é possível perceber que o comportamento moral varia de acordo com o tempo e o lugar ocupado por elas em nossa sociedade. As exigências e afetividade são demonstradas pelas ações das crianças umas com as outras, a linguagem corporal fala muito da vivência destas crianças, o que para uma criança um empurrão é algo totalmente normal para outra, esse gesto é uma forma de repulsa e agressão.

É importante perceber que Maria Lúcia de Arruda Aranha destaca que a moral

não pode ser compreendida de uma forma reduzida como uma herança de valores ou uma tradição. Ela é mais que isto, pois é parte constituinte do ser humano que vai dolorosamente se constituindo através de suas experiências, compreende-se então, que ao receber a moral a criança passa a transformá-la a partir dessas experiências. Na Educação Infantil, as crianças demonstram que em suas relações aprendem muito umas com as outras e, em certos momentos, acabam por ensinar aos colegas, princípios e valores que trazem de suas relações e de outras experiências nos diversos ambientes sociais. São nestes momentos que observamos o caráter pessoal da moral nas relações estabelecidas pelas crianças.

Perguntar sobre a validade de uma moral pessoal torna-se fundamental para a consciência da liberdade como um conceito transformador da sociedade, pois, torna-se necessário realizar uma relação dialética entre o caráter social e pessoal da moral já que, a todo o momento acontece um embate entre o “determinismo e a liberdade, entre a adaptação e desadaptação a uma norma, a aceitação e recusa da interdição”. (Maria Lúcia de Arruda Aranha, 1993, p. 276)

No cotidiano da Educação Infantil encontramos situações que remetem a esse embate colocado pela autora, já que, nas relações estabelecidas entre a criança que traz de casa princípios e valores do seio familiar, e, ao chegar à escola, encontra outro contexto de relações envolvendo colegas e outros adultos, se vê obrigada há se adaptar a este convívio com todas as diferenças presentes neste ambiente.

Neste momento pode surgir um conflito complexo, quando; ao receber as regras sociais como: “não pode bater”, “não pode falar palavrões”, “não pode sair da sala, do refeitório, ir ao banheiro sem falar com a professora”; a criança percebe que todo esse determinismo se contrapõe à liberdade vivenciada no ambiente familiar. Ou seja, a linguagem do corpo que em casa, pode ser a única que a criança conhece. A linguagem de empurrar, beliscar, dar tapas e ainda, a linguagem oral que se baseia em palavras agressivas que, na verdade, são simplesmente palavras, sem uma compreensão correta do significado dos termos usados e, quanto à liberdade de ir e vir que em casa se resume em uma ação é livre não havendo a interferência do olhar do adulto.

Nesse contexto a criança começa a apreender que as normas, geralmente, são diferentes nos diversos lugares sociais que ela frequenta. Então como a criança pode atribuir um valor a cada um desses lugares? Como, apesar de tão pequena,

pode começar a refletir sobre a forma de responder a essas normas e valores impostos pelo adulto? São questões que chegam ao olhar do adulto na forma mais expressiva da criança: a linguagem.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil:

O uso que a criança faz da linguagem fornece vários indícios quanto ao processo de diferenciação entre o eu e o outro. [...] Por outro lado, a própria linguagem favorece o processo de diferenciação, ao possibilitar formas mais objetivas e diversas de compreender o real. Ao mesmo tempo em que enriquece as possibilidades de comunicação e expressão, a linguagem representa um potente veículo de socialização. É na interação social que as crianças são inseridas na linguagem, partilhando significados e sendo significadas por outro. Cada língua carrega, em sua estrutura, um jeito próprio de ver e compreender o mundo, o qual se relaciona a características de culturas e grupos sociais singulares. Ao aprender a língua materna, a criança toma contato com esses conteúdos e concepções, construindo um sentido de pertinência social. Por meio da linguagem, o ser humano pode ter acesso a outras realidades sem passar, necessariamente, pela experiência concreta. (RCNEI, vol. II, p. 24)

É através da linguagem da criança que é possível perceber como ela vai se constituindo como parte da sociedade, como ela concebe a ação de interagir com o outro, ouvir, falar, conversar, colocar suas opiniões, demonstrar seus medos, entrar em conflitos, brincar, fazer e participar de brincadeiras, em fim, são nestas formas de expressão da linguagem que a criança vai formando novas formas de agir e interagir com o outro, assim, vai se construindo como um sujeito social capaz de estabelecer regras e emitir valores que há todo momento está presente em suas experiências.

O desenvolvimento moral da criança envolve todo esse processo de interação e linguagem entre os pares, não só o ambiente familiar determina os valores e as regras que compartilhamos na sociedade, há outras influências que determinam a vida do ser humano na sociedade. Esta constatação é vivenciada na História da humanidade, e, independente do momento histórico, a sociedade é convidada a refletir sobre a importância desta formação como processo de educação para a vida do homem social.

Piaget e Vygotsky em seus estudos apresentam conceitos no desenvolvimento da criança que nos levam a perceber como essa questão acontece e, através delas, identificamos a importância desta ação na vida da criança. No entanto, o conceito de educação entendido por Durkheim, ainda que possa levantar indagações sobre sua validade na sociedade atual, retrata adequadamente a dificuldade que encontramos na fala dos responsáveis pela educação da criança. Para Durkheim, a ideia de que:

A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios – sejam morais, religiosos, éticos ou comportamento – que batizam a conduta do indivíduo num grupo. O homem mais que formador da sociedade, é produto dela. (DURKHEIM, 2008, p.32)

A ênfase dada por Durkheim à educação nos permite constatar que a criança necessita de orientações que as levem a apreender a relacionar com o outro. Piaget, assim como Durkheim, dedicou um tempo no diálogo sobre esta temática, há divergências entre suas teorias, porém, em um ponto elas se aproximam: A importância dos limites e o aprendizado de regras sociais na formação de valores e no desenvolvimento moral da criança.

1.2. Jogos Coletivos: Instrumento de prazer, interação e forma de Pensar

O psicólogo suíço, Jean Piaget, em seus estudos sobre o desenvolvimento da criança considera as atividades lúdicas forte aliadas no desenvolvimento do juízo moral na infância. A partir de suas experiências com as crianças, ele constatou que os jogos e brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento da criança, uma vez que são através destas atividades que a criança começa a reconhecer seu próprio corpo e o do outro, começa a dar significado ao seu imaginário, passa a representar sua experiência social por meio da imitação e assim, vai constituindo sua identidade.

Antes de brincar com seus companheiros, a criança é influenciada pelos pais. Desde o berço, é submetida a múltiplas disciplinas e, antes de falar, toma consciência de certas obrigações. Essas circunstâncias exercem, como veremos, uma influencia inegável na elaboração das regras do jogo. Mas no caso das instituições lúdicas, a intervenção adulta e, pelo menos, reduzida a seu mínimo: estamos pois em presença de realidades classificadas, senão entre as mais elementares, pelo menos entre as mais espontâneas e ricas em ensinamentos. (Piaget, 1932, p.12),

Piaget (1932), ao discutir a constituição do juízo moral a partir do jogo de regras sustentou a tese de que o desenvolvimento da moral acontece com a participação do sujeito, sendo os jogos coletivos, atividades interativas reguladas por normas pré-estabelecidas que, em si mesmas, não tem um caráter moral, mas o respeito a elas, sim, representa uma moral que considera valores como a honestidade e a justiça.

Considerando a importância dessa interação nas relações das crianças de 4 e 5 anos, o Referencial Curricular para Educação Infantil do MEC, volume II, aborda a Formação Pessoal e Social da criança e sustenta que:

“Do ponto de vista do juízo moral, nessa faixa etária, a criança encontra-se numa fase denominada heteronomia, em que dá legitimidade a regras e valores porque provêm de fora, em geral de um adulto a quem ela atribui força e prestígio. Na moral autônoma, ao contrário, a maturidade da criança lhe permite compreender regras passíveis de discussão e reformulação, desde que haja um acordo entre os elementos do grupo. Além disso, vê a igualdade e reciprocidade como componentes necessários da justiça e torna-se capaz de coordenar seus pontos de vista e ações com os de outro, em interações de cooperação”. (p.14).

Na Educação Infantil, especialmente com crianças de 05 anos, observo que o trabalho com jogos tem fundamental importância no desenvolvimento da aprendizagem social, isto é, à medida que as crianças participam de jogos, começam a exercitar as regras e a aprender certas normas que determinam nossas relações com o outro. Atitudes simples como respeitar regras, esperar sua vez, saber ouvir a opinião do outro em fim, é assim que o ser humano vai construindo valores como o respeito e a justiça na relação com o outro. Não se trata de introjetar uma lei para as crianças de 05 anos, mas possibilitar que em suas experiências elas possam compreender que as regras “de fora”, isto é, que não foram feitas por ela, precisam ser respeitadas.

A partir do momento que é oferecido para a criança um espaço para conviver como o espaço da escola, e, ao vivenciar os valores decorrentes da relação com o outro e construção das regras, poderá ajudar no convívio social e relacionamentos futuros especialmente, com crianças maiores no Ensino Fundamental, onde terão que estabelecer formas de relações mais tranquilas naquele ambiente.

Esta convivência deve ser baseada no sentimento de respeito moral que vai sendo construído a partir de uma “regra de ouro”, termo utilizado por Rheta De Vries & Betty Zan no livro *A Ética na Educação Infantil: o ambiente sócio-moral na escola*, segundo as autoras, este termo “regra de ouro” significa simplesmente “tratar o outro como gostaríamos de sermos tratados”. Para a criança de cinco anos, que encontra em uma fase de obediência incondicional ao adulto, este é o início da formação do senso moral, porém, não podemos dizer que por ser uma criança obediente ou, uma criança bem educada e prestativa possamos considerá-la “criança moral”. Para as autoras, as pesquisas sobre essa questão nos permitem observar certas características da moralidade infantil:

As crianças pequenas podem ser descritas como realistas morais, porque seus julgamentos sobre o certo e o errado, bom e mau, estão baseados naquilo que lhes é observável ou “real”. Em primeiro lugar, as crianças pequenas vêem as regras morais (e também outras regras) como imposição arbitrária dos adultos. As regras parecem arbitrarias, quando as crianças não conseguem entender suas razões. Isso resulta da limitação intelectual da criança pequena, incapaz de pensar além da “superfície observável” dos eventos. Por exemplo, intenções e sentimentos não podem ser diretamente observados. O raciocínio sobre as intenções e sentimentos de outros ocorre apenas quando o progresso intelectual geral das crianças permite-lhes descentrar-se e assumir a perspectiva do outro. Portanto quando um adulto diz que não se deve bater ou agarrar, o realista moral experiencia essa injunção como uma regra adulta arbitrária. Evitar bater ou agarrar pode, portanto, ser feito apenas por obediência à autoridade. [...] A segunda característica do realismo moral é que as palavras das leis, ao invés de seu espírito, devem ser seguidas. Uma vez que a criança pequena não pode pensar além da superfície observável, o espírito de muitas regras não pode ser conhecido. A criança pode apenas tentar seguir literalmente as regras. Seguir uma regra de não bater, por exemplo, pode não significar, para o realista moral, que ele também não deve empurrar alguém ou morder. A terceira característica do realismo moral é que os atos são julgados em termos das conseqüências materiais observáveis, ao invés de serem em termos subjetivos tais como motivação. Por exemplo, a criança pequena cuja construção com blocos é destruída por um tropeço acidental do colega ficará tão zangada quanto se a ação tivesse sido intencional. A preocupação com conseqüências materiais leva a uma visão de punição justa “olho por olho, dente por dente”. A retribuição (fazer o culpado sofrer) é vista como punição justa por maus atos e quanto pior o mau, mais dura deve ser a punição. (De Vries & Betty Zan, 1998, p. 40 e 41).

Para as crianças é difícil lidar com as regras morais e sociais, pois ainda não internalizaram a questão da perspectiva do outro e as obrigações que implicam o relacionamento social, especialmente quando estão em jogo seus interesses. Lidar com situações-problema que envolva sentimentos e intenções levam a criança a entrar em conflito consigo mesma e com o outro.

Entre os cinco e seis anos, essa questão se resume apenas em brincar, porém, já encontramos em algumas crianças que estão na passagem da etapa da anomia para a heteronomia indícios de que percebem um sistema de regras que deve ser respeitado, pois, foi imposto por um adulto que ela acredita ter todo o prestígio e, assim, procura agradar-lhe atendendo seus pedidos, mesmo que não entenda o motivo daquelas regras. Essas experiências podem ampliar o conceito de problema e, como conseqüência, a criança pode formular novas perguntas e problematizar uma determinada situação e, assim, pode alcançar gradativamente, uma independência em seu modo de agir chegando ao ponto de escolher e criar regras e sanções em suas brincadeiras.

CAPITULO 2 – A FAMÍLIA E A ESCOLA NA FORMAÇÃO MORAL DAS CRIANÇAS

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, a criança, como ser humano, é um sujeito social e histórico que faz parte de uma organização familiar inscrita em uma sociedade, com determinada cultura, em um determinado momento histórico. Neste sentido, a criança é marcada profundamente pelo meio social e o marca de igual maneira conforme as relações sociais que estabelece com o meio sócio-histórico-cultural. A escola, neste contexto, tem papel relevante na complementação e sistematização da ação do educar, devendo possibilitar o acesso aos bens culturais e saberes acumulados pela sociedade, de modo organizado e sistematizado.

Considerando esta perspectiva, compete à Educação Infantil possibilitar à criança a leitura e compreensão do mundo que a cerca, auxiliando-a na descoberta de princípios e valores éticos, a partir das relações estabelecidas com a família e no ambiente escolar. A presença da família na vida escolar da criança é imprescindível e, na Educação Infantil, essa constatação se consolida no processo de formação da identidade da criança.

Observamos no trabalho com a história de vida do núcleo familiar que a criança vai se percebendo como parte de um grupo social, construindo sua identidade no mundo. Eu (a criança), minha mãe, meu pai, minha irmã, meus irmãos, meu avô, minha avó, em fim, minha família formamos uma comunidade que vivencia valores, princípios e saberes transmitidos por mim, (a criança), nos diversos lugares onde andarei.

A presença dos familiares como elementos integrados ao trabalho pedagógico constitui-se em outro recurso interessante. O convite aos familiares para irem à instituição pode ser feito sob diversos pretextos, desde o simples relato ao vivo de um caso já mencionado pela criança, até a participação em alguma atividade para a qual possa ter uma contribuição especial. (RCNEI, vol. II, p. 43)

Na prática pedagógica da Educação Infantil, o envolvimento da família é primordial, a partir do momento em que ela se propõe a questionar, a resgatar, a participar, a ajudar, a se posicionar sobre questões relacionadas ao trabalho pedagógico; como problemas de conflitos entre as crianças e demandas relacionadas à formação integral de seus filhos; a família expõe sua forma de

pensar, de agir e sua postura ao deparar-se com idéias e pensamentos diferentes. Neste momento, ela deixa claro como contribui para a formação moral de seu filho, como considera a importância do respeito mútuo nos relacionamentos estabelecidos entre as pessoas. Essa integração colabora no desenvolvimento do trabalho pedagógico, mas, sobretudo, age positivamente no desenvolvimento da criança no ambiente escolar.

2.1. O Papel da Família na formação de valores da criança

Durante seu desenvolvimento, a criança busca satisfazer os desejos de ser agradável ao outro, o psicólogo francês Yves De La Taille aborda essa questão ao desenvolver a idéia da excelência que, para ele, significa a busca do ser humano de torna-se melhor constantemente e, apesar desta ser uma meta a ser alcançada durante toda vida, pressupõe maturidade.

Ajudar e estimular a criança a transpor limites, eis a prática essencial a seu caminhar para a idade adulta, para saciar seus desejos de excelência e também para fazê-la viver a moralidade como busca de dignidade, de auto-respeito. (La Taille, 2001. pag. 50)

Para La Taille a maturidade é algo maior que estar pronto para algo, é um estado em que o ser humano está aberto para perceber o outro, respeitar, aceitar novos caminhos no processo de aprender para vida. Crescer e tornar-se humanamente melhor são processos que exigem a virtude da humildade, esperando que neste caminho, possamos evoluir e nos tornar melhor a partir, das relações que são estabelecidas com o outro.

Neste sentido o papel da família é fundamental, pois, muito mais que educar e ensinar princípios que regem a vida em sociedade, a criança precisa perceber que nem sempre seus desejos vão ser atendidos, que, geralmente, não vai encontrar pessoas a quem agradecer, que os outros podem desagradar seus desejos e, ainda, é preciso respeitá-los nesse convívio.

Nesse processo de aprendizagem social, a virtude da excelência se torna mais um limite a ser transposto, e, para a criança esse limite constitui em um exercício que demanda da ação do adulto, pois este, já apreendeu que tal exercício é para a vida toda.

La Taille, 2001, cita André Comte-Sponville, 1995, que considera as virtudes o mais digno interesse na moral, bem como o filósofo Kant ao afirmar que “existem

dois objetivos morais para os homens e que esses objetivos são, para eles, deveres: a felicidade do outro e o aperfeiçoamento de si mesmo.” (La Taille, 2001, p. 47).

Assim a excelência no sentido pessoal torna-se uma forma de oferecer uma direção para o ser humano e, especialmente no campo moral, essa busca constitui a razão da vida humana. No sentido social, a excelência se constitui uma qualidade de valor para toda cultura independente, do tempo e do espaço vivenciado pelas sociedades.

La Taille ao abordar esta face social da excelência cita Dahrendorf:

A excelência contribui para manter as sociedades abertas e capazes de mudanças. Ela fornece padrões. Ampliando o espectro de opções e oferecendo um senso de direção, ela contribui para o enriquecimento das oportunidades da vida de todos. (Dahrendorf, 1997, p. 109)

Retomando o lado pessoal da excelência, observamos que essa busca, como razão da vida humana, foi o centro das teorias psicológicas na primeira metade século XX, um exemplo de destaque é o processo de equilibração para Piaget. “O processo de equilibração é devido a uma capacidade inerente a todos os indivíduos: a capacidade de auto-regulação, ou seja, de auto-organização.” (La Taille, 2006, p. 15), em outras palavras, é, simplesmente, conceber que quando há possibilidade para o ser humano de superar etapas em seu desenvolvimento ele evolui e caminha para a excelência.

Hoje, ao discutir a questão da excelência refletimos sobre a teoria alderiana, também postulada na primeira metade do nosso século, que sustenta a concepção de excelência como única forma do desenvolvimento humano. Encontramos vários questionamentos sobre a idéia central do psicanalista Alfred Adler, que afirma:

A lei fundamental da vida é o triunfo sobre as dificuldades. A ela estão submetidos o instinto de conservação, o equilíbrio físico e psíquico, o desenvolvimento somático e psicológico e a tendência à perfeição. (Adler, 1938, p.55)

Para La Taille, 2001, apenas uma substituição pode ser feita a esta tese, onde encontramos a “lei fundamental” por uma das leis fundamentais das relações humanas. Buscar a excelência não significa buscar ser o melhor. Vai além desta afirmativa, é fazer melhor aquilo que já se fazia, porém, com a ajuda do outro, é superar uma situação que nos parecia pronta, mas que ainda pode ser melhor com a presença do outro, aproximando do que descreve Vygotsky ao propor o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal no desenvolvimento da criança.

Vygotsky desenvolveu em suas pesquisas o conceito de nível de

desenvolvimento proximal no desenvolvimento da criança, considerando, aquilo que ela consegue fazer sozinha e aquilo que ela consegue fazer com a ajuda de outro, que pode ser um adulto ou até outra criança mais capaz. A essa capacidade de fazer algo sozinha ele denominou zona de desenvolvimento real e, a capacidade de fazer algo com ajuda de outro mais capaz, zona de desenvolvimento potencial. Para Vygotsky, ao buscar compreender o desenvolvimento da criança é necessário considerar não apenas o nível de desenvolvimento real da criança, pois essa capacidade ela adquiriu de forma retrospectiva, vencendo etapas que se sustentaram em ações compartilhadas com outros mais capazes, ou seja, em seu nível de desenvolvimento potencial. Essa capacidade de dar conta da ajuda do outro não é possível em todas as idades, só é possível em certo nível do desenvolvimento da criança, ou seja, dependendo da maturidade da criança. Em certo estágio do desenvolvimento, nem com ajuda de outro mais capaz, a criança consegue realizar certas tarefas como, por exemplo, um bebê de dois meses não vai andar nem com a ajuda da mãe, pois ainda não desenvolveu maturidade física suficiente para realizar essa tarefa. É da postulação desses dois níveis de desenvolvimento que Vygotsky define zona de desenvolvimento proximal como “um domínio psicológico em constante transformação: aquilo que a criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã” (Oliveira, Martha Kohl, p. 60)

A teoria de Vygotsky é fundamental para entendermos a importância das interações sociais no domínio da excelência como busca da razão para uma vida melhor, somente com a participação do outro nos tornamos seres morais e a família, como primeiro ambiente social conhecido pela criança, tem papel fundamental nesse processo de interiorização das relações sociais. Neste sentido, ao ensinar princípios e transmitir valores às crianças, os pais devem cuidar para não exagerar nas ações praticadas com os filhos, por exemplo, quando excedem nos mimos, agrados e elogios ou, constrangimentos exagerados não percebendo que tais ações poderão causar transtornos em outros ambientes sociais que a criança irá frequentar. A responsabilidade da família é formar pessoas de auto-estima verdadeira sem medos e crenças de que, em todos os lugares, sempre vão encontrar pessoas que as terão como o centro das atenções ou que, ao contrário, não darão atenção suficiente ao que eles pensam ou praticam.

Sabendo que as relações sociais trazem conflitos, encontramos dificuldades para aceitar o outro e desde cedo é preciso perceber esta realidade e, neste

processo, há necessidade de uma educação que estimule a criança a transpor os próprios limites, que vá além de ensinamentos próprios para a infância, mas, ensine princípios básicos para a vida adulta.

Uma boa educação moral não deve se restringir aos ensinamentos de regrinhas, a “conter”, a “impor limites” do tipo “não faça isto” ou “não faça aquilo”. [...] Educar moralmente é levar a criança a compreender que a moral exige de cada um o melhor de si, porque conhecer e interpretar princípios não é coisa simples: pede esforço, pede perseverança. (La Taille, 2001, p.47).

Família e a escola devem caminhar juntas neste processo de fazer com que o produto da moral seja educar cada criança para dar “o melhor de si”. Juntos, esses ambientes de educação podem contribuir para a qualidade do convívio social dos indivíduos em um determinado tempo na sociedade.

2.2. O papel da escola e a formação de valores da criança de 5 anos

A escola é o principal lugar fora do ambiente familiar que produz efeitos sobre convivência do homem na sociedade. Esta convivência reflete a ação do educar que aqui, significa mais que a educação escolar, significa tornar um indivíduo humano no sentido mais amplo do campo ético. Considerando o fato que cada sociedade se constrói a partir das relações estabelecidas entre os indivíduos e que somos o que aprendemos nas trocas com o outro, encontramos vários fatores que podem contribuir para a dificuldade em se estabelecer princípios e valores no ambiente escolar.

Especificamente na Educação Infantil, podemos identificar três questões que nos levam a refletir sobre a temática da formação de valores com as crianças de 05 anos, são eles: A análise da participação dos atores sociais envolvidos nesse trabalho, a compreensão sobre como acontece a relação família/escola estabelecida neste processo e a verificação das situações de conflito entre os valores que regulam a relação das crianças em nossa escola e, conseqüentemente, os valores que são validados pelas famílias com as quais trabalhamos em nossa escola.

O diálogo sobre estas questões no cotidiano da Educação Infantil tomando como base as conclusões de Piaget nos permite perceber que a criança entra no mundo da moral através da fase da heteronomia, as relações estabelecidas com os adultos possibilitam à criança identificar-se com a noção de respeito ao outro e a si

mesma, esse sentimento que nasce de uma obrigação com o outro acaba por levar o ser humano a se tornar moral. Yves De La Taille faz a seguinte reflexão:

Duas lições devem ser retiradas da teoria piagetiana. A primeira: a moral surge através de sua forma heterônoma; portanto, o nascimento de obrigatoriedade, o respeito, nasce de uma relação assimétrica na qual alguém exerce a função de autoridade. A segunda, decorrente da primeira: se a criança não encontrar pessoas que exerçam sobre ela alguma forma de autoridade, não desenvolverá esse sentimento necessário à moralidade. Portanto, assim como Freud e Durkheim, Piaget interpreta o surgimento da moral como resultado de uma pressão externa à criança. E, como eles, acha que o início da educação moral é responsabilidade dos adultos, notadamente pais e professores, que colocam valores e limites à ação de seus filhos e alunos. Se os adultos não desempenharem essa função de autoridade, para Freud, não inspirarão medo, para Durkheim, não desenvolverão, na criança, o espírito de disciplina e, para Piaget, não desencadearão nela o surgimento do sentimento do respeito moral. (La Taille, 2001. pag. 92)

Entender a temática da formação de valores e construção da moral na Educação Infantil constitui um exercício de reflexão subjetiva de cada comunidade considerando, a singularidade das comunidades que formam uma sociedade.

O trabalho com a Educação Infantil na Rede Municipal de Belo Horizonte é recente, mas são notáveis os esforços para aperfeiçoar o trabalho neste campo: infra-estrutura adequada para o atendimento infantil, proposta de formação em serviço para os servidores desta área, oferta de vagas para a comunidade, enfim, a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Belo Horizonte (SMED-BH), tem tentado se comprometer em atender as metas propostas pelo Ministério da Educação para a Infância em nosso país.

Parte do processo de implantação do trabalho na Educação Infantil do município foi vivenciada pela escola em que trabalho, cujo público atendido provém de uma região classificada como área de vulnerabilidade, com famílias de baixa renda que vivenciam um histórico de abandono e violência.

A localização da escola possibilita estabelecer parcerias com outros agentes públicos beneficiando a comunidade escolar. Assim são realizadas algumas ações em conjunto com o posto de saúde, Polícia Militar, Associação de moradores e o CRAS, a escola também oferece alimentação além da merenda escolar convencional. Mantida pela prefeitura, a escola oferece atendimento nos níveis de ensino da Educação Infantil, com crianças da faixa etária de 03, 04 e 05 anos, distribuídas nos turnos da manhã e tarde; Ensino Fundamental regular no 1º e 2º turno e, Ensino Fundamental e Educação de jovens e adultos (EJA) no 3º turno.

No ano de 2004 iniciou-se o trabalho com a Educação Infantil na escola,

foram lotadas as primeiras educadoras conforme nomeação em concurso público para provimento do cargo de Educador Infantil. Inicialmente, a prática pedagógica das educadoras era orientada pela vivência particular de cada uma segundo sua concepção de criança e ensino. Durante o encaminhamento das ações com as crianças, a concepção de criança e ensino passou a considerar a especificidade do público atendido pautando-se, nas orientações da SMED e nas diretrizes curriculares para a Educação Infantil, assim, a prática pedagógica unificou-se em uma mesma concepção de infância.

Atualmente, o corpo docente da Educação Infantil é formado por seis professoras no turno da manhã e outras seis professoras no turno da tarde, destas, duas executam atividades de coordenação pedagógica em cada turno. Oito dessas professoras possuem a formação acadêmica do curso de Pedagogia, 01 possui a formação acadêmica do curso de Pedagogia e Psicologia, 01 possui a formação acadêmica do curso Normal Superior e 02 possuem a formação acadêmica do curso de Letras.

São atendidas 04 turmas em cada turno, na parte da manhã o atendimento é restrito às crianças de 04 e 05 anos e no turno da tarde, o atendimento é voltado para crianças de 03, 04 anos. As crianças são enturmadas conforme a faixa etária dos alunos, seguindo as orientações do departamento de Educação Infantil da Regional Pampulha e, conforme a demanda de alunos, algumas turmas recebem crianças de idades diferentes.

As atividades diárias visam ampliar a percepção de mundo das crianças considerando as diferentes linguagens como eixo norteador do trabalho. O brincar e o cuidar estão associados neste trabalho. A rotina se constituiu forte aliada para fixação de regras e compreensão do tempo e espaço como elementos fundamentais na relação entre os pares.

A análise desses fatos permite, a reflexão sobre a importância de uma organização sistematizada para efetivação de um trabalho voltado para a formação integral da criança. Esse contexto contribui para o desenvolvimento moral da criança ao propiciar o envolvimento dos diversos setores envolvidos na educação da criança. Percebe-se que os valores e princípios que norteiam este trabalho foram construídos a partir, do diálogo entre os atores deste sistema e, esta prática coopera para a formação da moral autônoma que traduz o objetivo de uma educação que busca a qualidade nas relações estabelecidas em uma sociedade.

2.3. A relação família / escola e o processo de formação moral na educação infantil

Como instituição de interação social, a escola recebe influências de grupos sociais e, essas influências são percebidas pelos estudiosos das Ciências Humanas de diversas formas e concepções.

Yves de La Taille ao analisar o pensamento de Freud, Durkheim e Piaget encontra um ponto comum em suas teorias, cada uma, preservando sua singularidade, “interpreta o surgimento da moral como resultado de uma pressão externa à criança”, (La Taille, 2001, p. 92) sendo da responsabilidade dos adultos a educação moral das crianças. É fundamental considerar as contribuições desses estudiosos e, paralelamente, manter um olhar investigativo sobre a construção das relações sociais no ambiente escolar, procurando valorizar as experiências anteriores dos alunos

Piaget aponta a existência de duas morais no desenvolvimento da criança: a heterônoma e a autônoma. Ele afirma que a criança entra no mundo da moral através da moral heterônoma, onde, as legitimidades das regras provem do respeito e da credibilidade de um adulto em relação à criança, onde o adulto pode ser da relação familiar ou de relações sociais como, por exemplo, de relações sociais vivenciadas no ambiente escolar.

Introduzir a questão sobre o processo de formação de valores, sobre o desenvolvimento da moral na infância e sobre suas influências na Educação Infantil nos dá a possibilidade de contribuir na transformação do contexto social onde as crianças estão inseridas e, também, nos permite identificar como elas concebem a importância da relação estabelecida entre a família e a escola no desenvolvimento de sua formação escolar.

Fatores como o relacionamento família / escola e a prática pedagógica são pontos essenciais no desenvolvimento do trabalho em uma escola que oferece o atendimento na Educação Infantil. Em nossa escola o relacionamento entre a comunidade e a escola pode ser considerado tranquilo, porém, percebe-se na fala dos professores a consciência da região ser considerada área de risco para segurança pessoal dos mesmos e, que este fato, influencia na questão da aprendizagem e na relação estabelecida entre os alunos, os professores e os outros atores da comunidade escolar.

Diante deste contexto, a proposta pedagógica da escola busca garantir a formação humana em sua totalidade, considerando as especificidades de cada idade de formação, os diferentes ritmos e formas de aprender, as diferentes identidades e vivências culturais dos sujeitos, tendo em vista a dimensão ética, corporal, política, afetivo/emocional, cognitiva, social e ambiental. Buscando garantir ainda a pluralidade de conhecimentos, estabelecendo inter-relações que possibilitem autonomia do pensamento e ação, trabalhando os conteúdos curriculares, visando o desenvolvimento cognitivo e à apropriação dos saberes universais.

Isto significa que a proposta pedagógica percebe o aluno como produtor de cultura, capaz de modificar a realidade aperfeiçoando o lugar e as relações onde esta inserida e, neste sentido, direção, famílias, professores, funcionários e alunos participam da elaboração e reflexão de diversas normas e regras estabelecidas na escola. Através do colegiado estes atores sociais encontram um espaço próprio para exercer o direito de participar deste processo. As regras gerais são estabelecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, fiscalizadas pela Gerência Regional de Educação da Regional Pampulha.

Para compreender a amplitude desse processo realizei um plano de ação a partir de um processo de pesquisa-ação com 19 crianças da Educação Infantil, cujas observações e os resultados alcançados podem colaborar no entendimento do processo de desenvolvimento da Moral e formação de valores na infância.

CAPÍTULO 3. PLANO DE AÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O presente trabalho constituiu-se de um plano de ação proposto pelo curso de Pós-Graduação em Educação Infantil – LASEB/UFMG, para refletir sobre a temática da construção da moral, formação de valores e estabelecimento de limites, no que se refere ao desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Tendo como base as vivências observadas em uma Escola Municipal de Belo Horizonte onde é realizado um trabalho na Educação Infantil com crianças de três, quatro e cinco anos.

Em primeiro lugar, foi realizada uma reunião com as famílias, para dialogar sobre a temática do plano de ação, em segundo lugar, foram realizadas atividades de observação e registro escrito das famílias sobre a história de vida da criança, no que se refere à temática da formação de valores morais nas relações estabelecidas por seus filhos em casa e na escola e, finalmente, foi realizado um plano de intervenção como ação pedagógica através do “Projeto Eu e Todo Mundo”, diretamente com as crianças.

Dessa forma, uma etapa de pesquisa e reflexão, seguiu-se de uma etapa de desenvolvimento de atividade prática na escola, com o acompanhamento da rotina das crianças que teve como objetivo analisar criticamente o desenvolvimento da moral, a questão dos limites e o processo de formação de valores em um grupo de 19 crianças de 05 anos. E, também, identificar a importância e as conseqüências da formação moral e ética para a vida escolar e social da criança, registrar e discutir a prática pedagógica, à luz das teorias psicológicas, no processo de desenvolvimento da moral na infância, evidenciar como a ação pedagógica direcionada aos fundamentos morais e éticos se transforma em um processo relacional que modifica, transforma e qualifica o ambiente escolar.

O Plano de Ação proposto fundamentou-se na metodologia da pesquisa-ação que se caracteriza pela participação ativa de todos os envolvidos no plano de ação da pesquisa. Segundo Thiollent (2005, p.16):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação foi realizada no turno da manhã, no horário de 07:00h às

11:30h, na turma onde desenvolvi o trabalho pedagógico no ano de 2011. O trabalho de pesquisa foi desenvolvido a partir da segunda quinzena de outubro sendo finalizado no início da segunda semana do mês de dezembro. O cronograma e as etapas são descritos no próximo item sobre o desenvolvimento do plano de ação.

3.1. Perfil da turma

A turma escolhida recebeu o nome de “Turma da Alegria”. A idade das crianças era de 05 anos e, inicialmente, a turma era composta por 23 crianças, sendo 13 meninos e 10 meninas atendidas por uma professora referência, uma professora de apoio e pela coordenadora pedagógica. Ao longo do ano, algumas famílias mudaram da comunidade e, no mês de outubro de 2011, data em que se iniciou a pesquisa-ação, a turma estava composta por 19 crianças, com 13 meninos e 06 meninas.

No início das aulas, os meninos em sua maioria eram bem mais expressivos do que as meninas, que demonstravam ser mais tímidas, porém, no decorrer do ano todas as crianças, de uma maneira geral, foram evoluindo e se tornando mais seguras e autônomas. Eram comuns os conflitos do tipo de um bater no outro por causa de desentendimentos de opiniões sobre algo, ou, por querer brincar de brincadeiras diferentes das realizadas pelo grupo, em fim, razões banais para o adulto, mas, complexas para as crianças. Muitas vezes foi necessária minha intervenção na resolução destes conflitos. Minha ação era, primeiramente, de conversar sobre a atitude com a criança, nem sempre resolvia a questão, aí era necessário a sansão do “ficar de molho” bem como, uma longa conversa sobre a questão com toda turma.

Construímos alguns combinados esperando que nossa convivência durante o ano fosse harmoniosa, um dos combinados que se destacou foi o de não bater e se ele não acontecesse, haveria uma sansão bem conhecida dos alunos: “Ficar de molho!”

Este termo “Ficar de molho!” significa o ato de sentar um pouco ao lado da professora e pensar sobre a atitude não sociável, que prejudicasse um colega ou até mesmo a turma toda. Era visível no discurso das crianças a internalização desse combinado e de suas conseqüências, colocação do tipo “se bater vou falar com a professora e você sabe que o combinado é “ficar de molho! Você sabe!?”.

Semelhante como é colocado pelo Referencial Curricular para Educação Infantil, volume 2, Formação Pessoal e Social:

A passagem da heteronomia para autonomia supõe recursos internos (afetivos e cognitivos) e externos (sociais e culturais). Para que as crianças possam aprender a gerenciar suas ações e julgamentos conforme princípios outros que não o da simples obediência, e para que possam ter noção da importância da reciprocidade e da cooperação numa sociedade que se propõe atender o bem comum, é preciso que exercitem o autogoverno, usufruindo de gradativa independência para agir, tendo condições de escolher e tomar decisões, participando do estabelecimento de regras e sanções. (pág. 15)

Aprender a conviver requer o aprendizado de regras sociais, respeitá-las requer a prática de interagir com o outro, integrar-se a um grupo é um processo prolongado de vivências, importa esforçar-se para conviver melhor e, mesmo pequenas, as crianças podem realizar este exercício, escutando, colaborando com o grupo, criando novas regras, em fim, participando e contribuindo para a qualidade das relações estabelecidas na escola.

3.2. Plano de ação e intervenção

O desenvolvimento da moral e a construção dos valores na formação humana é o tema que orientou este Plano de Ação e através do Projeto “Eu e Todo Mundo” busquei entender esse processo nesta turma. A intenção do projeto foi propor vivências de situações que contribuíssem para o desenvolvimento da autonomia e da auto-estima da criança, formando sua identidade pautada em valores éticos e morais construídos, a partir de princípios fundamentais para o convívio harmônico na sociedade.

Iniciamos o Projeto no mês de outubro, o objetivo foi conhecer melhor a família e a comunidade das crianças e ao mesmo tempo apresentar para família um pouco da rotina da turma na escola.

Minha primeira tarefa foi a de reunir as famílias para apresentar a proposta de trabalho. Neste dia, a frequência dos pais foi pouco significativa já que foram convidadas as dezenove famílias das crianças matriculadas, e, compareceram apenas cinco famílias representadas pelas mães sendo que uma, com a presença do pai e da mãe.

Duas mães me procuraram neste mesmo dia no horário do recreio das crianças para saber sobre o motivo da reunião, expliquei que se tratava de uma

pesquisa com as crianças envolvendo a escola e suas famílias, coloquei para elas a intenção do trabalho e os objetivos da pesquisa, da mesma forma, como procedi na reunião com as outras famílias.

Enviei outra chamada para as doze famílias que não compareceram na reunião. Ao me procurar todas explicaram que, devido o horário de trabalho, não foi possível comparecer no dia anteriormente marcado. Porém, observei que no decorrer da pesquisa, quando eram enviadas as atividades de “Para Casa” relacionada ao Projeto, solicitando registros sobre a História de vida das crianças, essas famílias se mostravam bem interessadas e aos poucos, foram se inteirando da proposta do trabalho.

Abaixo apresento o registro usado para convocar as famílias para a primeira reunião.

Figura 1 – Chamada para as famílias participarem da reunião de apresentação do Projeto!

Tatiane Kalcen Santos da Costa
 ESCOLA MUNICIPAL CARMELITA CARVALHO GARCIA

Srs. pais ou responsáveis,
 a professora Sirlei da turma da Alegria convoca para reunião no dia 21 de outubro para informar sobre o projeto que está sendo realizado em sala de aula. A escola providenciará declaração de comparecimento aos que solicitarem. Contamos com sua presença. *HORÁRIO: 7h e 30 min.*
 Atenciosamente,
 Coordenação/professora Sirlei
 Belo Horizonte, 19 de outubro de 2011

Fonte: Arquivo da autora!

Durante a reunião observei que a mãe do aluno L não falou nada apenas acenava positivamente com a cabeça quando eu apresentava a proposta da pesquisa. As outras mães se posicionaram demonstrando o interesse da família em entender como acontece a formação de valores e a construção de regras na Educação Infantil e, como este fato se relaciona com a formação dada pelas famílias aos seus filhos em casa. Uma fala se destacou dentre as outras, pois resumiu o que foi colocado pelas outras famílias presentes na reunião. A seguir relato o trecho que

destaca a visão desta família sobre esta questão:

(Família da I): Em casa nós procuramos ensinar a I a comportar na escola, na casa de parentes e amigos, no Shopping, nos parques, em todos os lugares, pois a educação é o melhor que podemos dar a ela. Colocamos regras e ensinamos a respeitar as pessoas. Não deixamos que ela e seus irmãos fiquem na rua. Não gostamos de brincadeiras, de programas da televisão, de filmes que pratiquem violência. Ficamos de olho se nossos filhos estão entrando em confusão. É importante a escola falar de moral, hoje tudo pode e outras famílias não entendem bem como é importante respeitar as pessoas e ensinar nossos filhos a educação para viver. A televisão ensina tudo que não presta lá em casa eu vigio tudo que meus filhos vêem na televisão. Ela tem que vir para escola para aprender coisas boas, só que outras crianças batem e eu acho muito ruim. Ela reclama que fica de molho e eu pergunto por quê? Ela diz que foi por empurrar a colega aí eu digo que foi certo e se esse comportamento continuar ela vai ficar de castigo também aqui em casa. (Fala da mãe da I)

É comum ouvirmos de algumas famílias que nas proximidades de suas casas há um alto índice de violência e, que bem diferente de anos atrás, não é possível deixar seus filhos desfrutarem das brincadeiras nas ruas. Há o perigo de pessoas maldosas, do tráfico de drogas e da marginalidade em geral. Ao mesmo tempo, esses agentes de formação moral deturpada também podem estar dentro de suas casas através da televisão, que muitas vezes, traz as mazelas da sociedade de forma atrativa como diversão ensinando maldades aos seus filhos.

Observo que na fala desta família fica claro a importância dada à função da escola como forte aliada na formação da moral de sua filha. As práticas realizadas na escola como as que são validadas no ambiente escolar remontam a um tipo de relação social que é apresentada por Piaget como forma de coação, nesta fase da infância a criança vai apreender as regras sociais de um determinado grupo através de uma obrigatoriedade que, no processo de formação da moral da criança, faz surgir um novo sentimento denominado *respeito*.

Para realizar o plano de ação foram propostas atividades de interação entre as famílias e a turma e, entre as crianças. Propus atividades coletivas envolvendo regras que iniciaram a partir da 2^o quinzena de Outubro à 2^o quinzena de Dezembro. Utilizei folhas ofício, jornal, lápis de cor, giz de cera; máquina fotográfica, um livro de Literatura Infantil e um caderno de “Diário de Bordo” como instrumentos para registrar os dados da pesquisa.

Abaixo relaciono as atividades e o cronograma preparado para realização do plano de ação.

- ❖ Atividade 1 - Resgate da História de vida da criança registrando os dados levantados em um portfólio intitulado: “EU E TODO MUNDO!”

- ❖ Atividade 2 – Jogos de Boliche
- ❖ Atividade 3 – Leitura: O Mundinho de Boas Atitudes! – Livro de *Ingrid Biesemyer Bellinghausen*
- ❖ Atividade 4 – Brincar de Peteca

❖ CRONOGRAMA

ATIVIDADES	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Observação e registro do comportamento e falas das crianças durante as atividades desenvolvidas.	X	x	x	x	x	x	x	x	x
Roda de Conversa sobre o tema: Minha História.		x	x						
Roda de Conversa sobre o tema: Nossa comunidade.				x	x	x			
Roda de Conversa sobre o tema: Nossa escola.							x	x	x
Jogo de Boliche.			x	x	x				
Leitura do livro: O Mundinho de Boas Atitudes! Autora: <i>Ingrid Biesemyer Bellinghausen</i>					x	x			
Jogo de Peteca.						x	x	x	
Confecção e montagem do Portfólio sobre o Projeto.	X	x	x	x	x	x	x	x	x

A descrição, as análises dos dados e o desenvolvimento das atividades do Plano de ação estão descritos no próximo item.

3.3. Descrição e análise dos dados:


As atividades de registro selecionadas para realizar a análise dos dados são de três famílias cujo envolvimento no projeto foi mais expressivo. Essas famílias enviaram todas as respostas solicitadas no desenvolvimento da pesquisa, e, sempre procuravam saber sobre o desenvolvimento da mesma.

Seus filhos mantinham um relacionamento de igual expressividade com todos os colegas da turma, mesmo que, um deles sempre estivesse envolvido em conflitos, como empurrar colegas, discordar de uma brincadeira ou “ficar de mal” com alguma criança do grupo.

Abaixo descrevo um pouco das personalidades destas três crianças:

O K. é um aluno quieto, calado e observador. Durante o ano fiz várias colocações sobre sua postura frente aos colegas, ele sempre batia em alguém. Observei que sua forma de expressar a linguagem acontecia, na maioria das vezes, por meio do toque sendo diversas vezes agressivo.

Figura 2 – Atividade sobre a Rotina da criança em casa!


Escola Municipal "Carmelita Carvalho Garcia"
 Educação Infantil – 1º Turno
 12 DE 10 DE 2014
 PROJETO:
 "EU E TODO MUNDO!"

FAMÍLIA,

HOJE EU PRECISO QUE VOCÊ ESCREVA UM POUCO DA ROTINA DE SUA CRIANÇA EM CASA, COLOCANDO A FORMA COMO SÃO RESOLVIDOS CONFLITOS ENTRE SEU FILHO(A) COM IRMÃOS, PRIMOS OU COLEGUINHAS NAS BRINCADEIRAS. SE POSSÍVEL FAÇA JUNTO COM ELE OU ELA E COLOQUE AS OPINIÕES DELE OU DELA.

UM ABRAÇO, E AGRADEÇO DESDE JÁ A ATENÇÃO.

Uma o meu filho As vezes que ele brinca com os amigos no mesmo tempo eles comemoram a brigal. eu As vezes coloco de castigo e Ali mesmo dou uns tapas. mais eu já perceci que bater não Adianta basta conversar que ele obedece.

Fonte: Arquivo da autora!

Conversei diversas vezes com ele, e, percebi que ele não fazia essa ação com a intenção de machucar os colegas, mas, aquela era a forma de expressão mais comum em suas relações em casa, como é demonstrado no relato acima escrito por sua mãe quando pergunto pela forma de resolução de conflitos em casa.

M. é uma aluna educada e amiga de todas as crianças da sala, a produção da família sobre a estrutura familiar confirma a forma como ela se mostra em sala. Os pais não compareceram à reunião, porém, enviaram a irmã mais velha, que sempre traz e retorna com os recados e encaminhamentos para a família.

Figura 3 – Atividade sobre a composição da família da criança!


Escola Municipal "Carmelita Carvalho Garcia"
 Educação Infantil – 1º Turno
 ALUNO(A): MICHELLE E
MINHA FAMÍLIA É ASSIM...
 1 DESENHE A SUA FAMÍLIA. DEPOIS, PEÇA AO PESSOAL DE CASA QUE ESCREVA O NOME DE CADA MEMBRO DA SUA FAMÍLIA.



Fonte: Arquivo da autora!

L. é o líder da turma, os outros alunos o consideram desta forma sempre estão procurando por ele, para resolver questões de conflito entre o grupo. Observo que ele sempre se mostra educado, prestativo, envolvente e determinado. Em suas produções percebemos sua organização e a influencia de sua família em sua personalidade.

❖ **Atividade 1 - Resgatar a História de vida da criança.**

O objetivo desta atividade foi dar à criança a possibilidade de identificar-se como sujeito da história. Para isto, realizei uma interlocução direta com as famílias, os recursos utilizados foram atividades xerocadas e enviadas como “Para casa” e um Portfólio com o título “Eu e Todo Mundo!” que tratou do resgate da história dessas crianças.

Figura 4 – PORTFÓLIO: “EU E TODO MUNDO!”




Fonte: Arquivo da autora!

Primeiramente, procurei saber sobre a história do nome das crianças, quem escolheu e porque escolheu. Enviei uma atividade para as famílias onde, deveriam colocar o significado do nome escolhido para o filho.

O nome é o primeiro elemento que torna a pessoa reconhecida na sociedade, ele torna a presença humana quando não presente em elemento concreto, produz sentimentos de alegria ou tristeza, medo ou segurança, em fim, é ele que dá significado à vida do ser humano.

Para a criança podemos dizer mais sobre a importância do nome, através do trabalho com esse elemento percebemos como é formada a personalidade de cada uma. As crianças desta turma falaram muito explicando, como entendiam o porquê do nome de cada uma, percebi que todas demonstravam alegria com o nome recebido e, quanto às famílias, a maioria se empenhava em registrar o motivo do nome escolhido como é demonstrado na próxima atividade:

Figura 5 – Atividade sobre a História do nome da criança!


Escola Municipal “Carmelita Carvalho Garcia”
Educação Infantil

A HISTÓRIA DO MEU NOME!

MEU NOME É: KAIQUE SOU FILHA DE
TATIANE E ROMAN E ESTA É A
 HISTÓRIA DO MEU NOME:

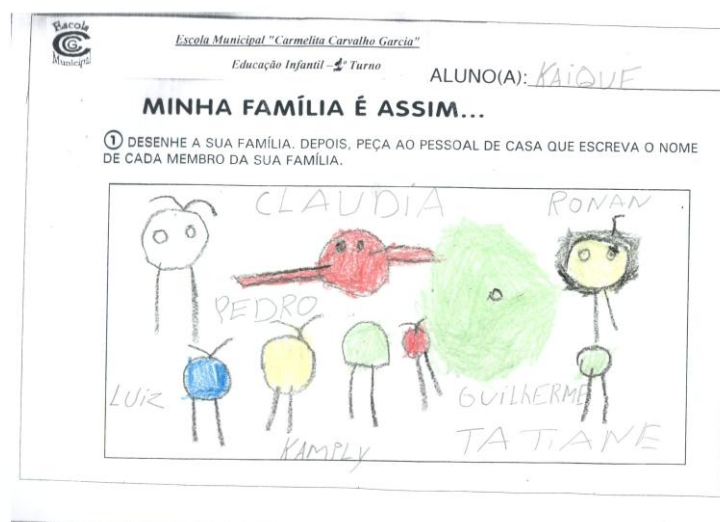
O nome do Kaique foi escolhido por
 causa de um personagem que
 tinha numa revista que se chamava
 Kaique, mais não foi por causa do
 personagem, mais sim pelo nome
 que achei bonito, então por isso
 coloquei Kaique e pra combinar coloquei
 da irmã dele de Kamilly.

Fonte: Arquivo da autora!

Na atividade seguinte, constatei que a criança ao desenhar os componentes do seu grupo familiar retoma sua história, e, consegue retratar seus laços de afetividade com a família, organiza com a ajuda dos familiares o formato da composição familiar e pode socializar com outros colegas esta composição e as que são trazidas pelos colegas.

Neste processo de interação as crianças comunicam sobre os conceitos de valores vivenciados em casa e, ao mesmo tempo, recebem novas informações e vão formando novos conceitos sobre esta relação singular e particular de cada família que, ao mesmo tempo, é universal na história das sociedades.

Figura 6 – Atividade sobre a concepção de família segundo o olhar da criança!



Fonte: Arquivo da autora!

A partir desta atividade, prossegui no desenvolvimento do trabalho, neste segundo momento, nosso objetivo foi perceber que o mundo é formado por vários grupos sociais e entre eles, nossa família. Essa explicação foi reducionista ao universo dessas crianças, elas ainda não dominam a complexidade das sociedades que constituem nosso planeta, mas, já se percebem como parte de uma comunidade do mesmo.

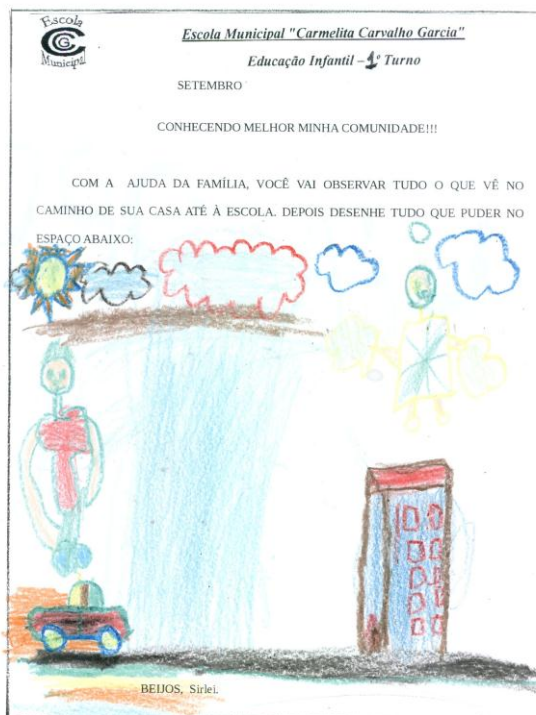
Percebemos nas composições gráficas destas crianças que a noção de pertencimento em um grupo ainda esta em formação, como é demonstrada na atividade acima, a atividade deste aluno é a que melhor retrata esta realidade.

Pertencer a um grupo é sentir como parte dele é um processo que vai sendo construído durante a existência humana, requer a interiorização de princípios básicos para a convivência em sociedade e demanda aprendizagem social que é apreendida primeiramente, no ambiente familiar.

No terceiro momento, falamos sobre a comunidade em que as crianças vivem, e para conhecer um pouco dela, pedi que as crianças desenhassem o percurso que faziam para chegar à escola. Nos lugares por onde as crianças passam, encontram diversas manifestações físicas e culturais que influenciam seu modo de ser na sociedade. O percurso entre a casa e a escola oferece à criança a possibilidade de vivenciar outras experiências sociais além das encontradas em casa e na escola, o modo como as pessoas se olham, comunicam umas com as outras, o respeito aos espaços ocupados pelo outro como é o caso dos veículos nas

ruas e os pedestres na calçada, em fim, nesta experiência, é acrescentada à formação da criança princípios e valores da comunidade em que ela vive.

Figura 7 – Atividade sobre o percurso entre a casa da criança e a escola!



Fonte: Arquivo da autora!

No quarto momento, trabalhamos com a rotina vivenciada pelas crianças em suas casas. A rotina constitui um importante instrumento no desenvolvimento da criança, ela reflete na organização do pensamento da criança e com isso, atua diretamente na formação de conceitos básicos para o convívio social. Perceber a hora de chegar a encontros sociais, como no caso dos horários estabelecidos no ambiente escolar, ter hora de realizar tarefas essenciais para o bem estar físico, como no caso de realizar as refeições e o banho, em fim, ter momentos certos para realizar atividades simples da vida humana contribui para identificarmos como acontece o respeito ao ser humano enquanto sujeito de direitos como é proposto na educação e formação da criança em casa e na escola.

Quando a família consegue falar sobre este instrumento de formação é possível identificar suas prioridades em relação à educação e formação de seus

filhos.

A seguir apresento duas manifestações da rotina de uma criança dessa turma, a primeira relatada por uma mãe sobre a rotina de seu filho e, a outra, a visão da criança sobre a rotina vivenciada em sua casa através do desenho.

Figura 8 – Atividade sobre a rotina e a forma de resolver os conflitos da criança em casa!

Escola Municipal "Carmelita Carvalho Garcia"
 Educação Infantil - 4º Turno
 12 DE 10 DE 2014
 PROJETO:
 "EU E TODO MUNDO!"

FAMÍLIA,

HOJE EU PRECISO QUE VOCÊ ESCREVA UM POUCO DA ROTINA DE SUA CRIANÇA EM CASA, COLOCANDO A FORMA COMO SÃO RESOLVIDOS CONFLITOS ENTRE SEU FILHO(A) COM IRMÃOS, PRIMOS OU COLEGUINHAS NAS BRINCADEIRAS. SE POSSÍVEL FAÇA JUNTO COM ELE OU ELA E COLOQUE AS OPINIÕES DELE OU DELA.

UM ABRAÇO, E AGRADEÇO DESDE JÁ A ATENÇÃO.

Uma o meu filho As vezes que ele brinca com os amigos no mesmo tempo eles começam a brigar. eu As vezes coloco de castigo e ele mesmo dou uns tapas. mais eu ja percebi que bati nos Adianta basta conversar que ele obedece.

Fonte: Arquivo da autora!

Figura 9 – Atividade sobre o percurso entre a casa da criança e a escola!

PARA CASA Escola Municipal "Carmelita Carvalho Garcia" PROJETO "EU E TODO MUNDO!"
 Educação Infantil - 4º Turno
 NOME: LEANDRO

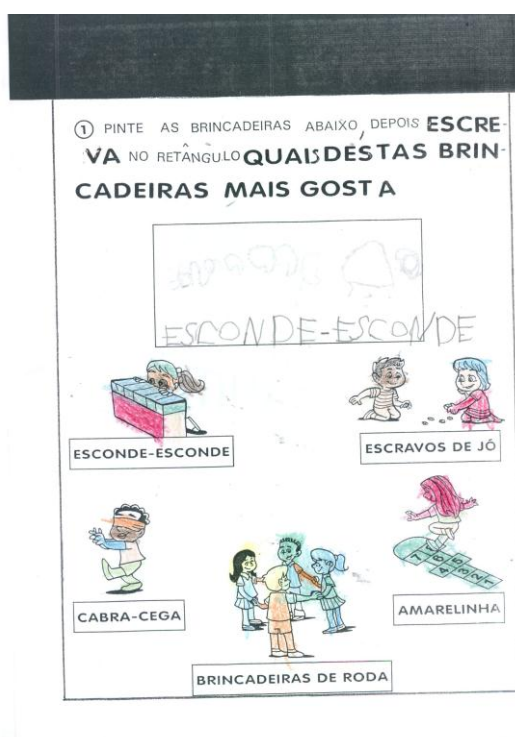
DESENHE DENTRO DO QUADRO O QUE VOCÊ FAZ DURANTE O SEU DIA.

MANHÃ	TARDE	NOTITE

Fonte: Arquivo da autora!

Finalmente, realizamos a última atividade do Portfólio, onde as crianças desenharam e, os pais escreveram, sobre a brincadeira que eles mais gostavam. Observei que a maioria das famílias prontificou-se a responder as questões colocadas.

Figura 10 – Atividade sobre o percurso entre a casa da criança e a escola!



Fonte: Arquivo da autora!

❖ Atividade 2 – Jogos de Boliche

Os objetivos desta atividade foram fortalecer a interação entre as crianças, favorecendo o estabelecimento de diálogos em situações de conflitos frequentes neste grupo; promover momentos de brincadeira com jogo de Boliche; proporcionar possibilidades para o desenvolvimento do raciocínio espacial e numérico e registrar as situações que envolvam construção e respeito de regras construídas coletivamente.

Abaixo relato as transcrições registradas no diário de bordo sobre esta atividade.

Transcrição do diário de bordo da primeira atividade do Boliche!

Data: 25/10/2011

Hoje comecei o trabalho com o jogo de Boliche. Primeiro perguntei para as crianças se elas conheciam esse jogo. Todas já conheciam da escola mesmo, de brincar em casa e de brincar no Shopping Del Rey. Apresentei as peças do jogo e expliquei que tínhamos dois sacos de jogos com seis garrafas e uma bola cada um, as crianças foram dividindo cada saco entre os meninos e as meninas.

O saco das meninas tinha a bola vermelha e o dos meninos azul, conforme a composição original do brinquedo quando foi comprado. Minha intenção não foi separar o grupo de meninos do das meninas, nem mesmo, separar os sacos de boliche em cores relacionadas ao gênero, mas, notei que as crianças faziam questão de reforçar esta distinção considerando, a questão do gênero.

Expliquei que para brincar no dia de hoje, iríamos usar todas as garrafas, um aluno se destacou na brincadeira: A. foi quem falou que já jogou no Boliche do Del Rey. Ele explicou as regras jogo: Tem que colocar as garrafas em forma de TRIÂNGULO; cada jogador joga uma vez; tem que abaixar para rolar a bola; os meninos jogam primeiro.

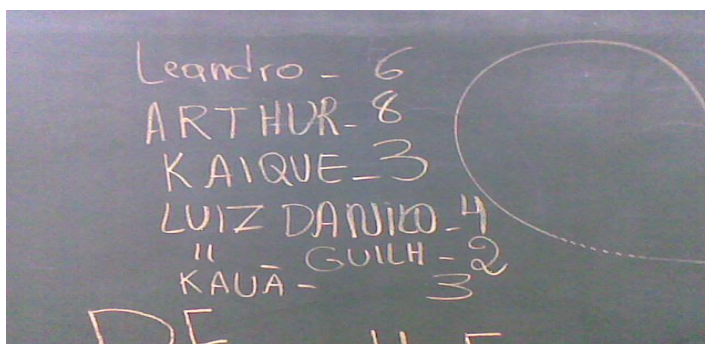
Neste momento, pontuei que quando joguei este jogo no Del Rey não tinha essa regra dos meninos jogarem primeiro. Ele ficou me olhando como quem diz: Você também foi lá? Eu joguei uma vez para ele ver, ele ficou muito eufórico com a possibilidade da minha participação no jogo, porém, naquele momento, expliquei que eu não participaria da brincadeira. Ele aceitou continuar jogando com as crianças da sala, mas, sua regra dos meninos jogarem primeiro prevaleceu no desenvolvimento da brincadeira com o grupo.

O aluno K. Pontuou que era melhor deixar as garrafas em forma de TRIÂNGULO; fazer fila; e os meninos jogarem primeiro!

Neste momento, a aluna M. E. disse que ela também ia jogar e, que quando agente pega na bola do Boliche, tem que colocar os dedos dentro dos buracos da bola e jogar. Após essas colocações, começamos o jogo! Houve uma confusão na hora de formar a fila, o A. deixou o L. passar na sua frente e a R. perguntou se isso podia. Depois a própria R. deixou a A. C. passar na sua frente e os meninos gritaram indignados. Nesse momento precisei intervir.

Expliquei que quando o A. permitiu que o L. ficasse na sua frente abriu a possibilidade para outro colega fazer a mesma coisa. Perguntei para o grupo como iríamos resolver a questão. Eles resolveram que ninguém passaria na frente de ninguém e o jogo continuou. Logo em seguida, o A. me pediu que registrasse os pontos no quadro conforme a foto abaixo:

Figura 11 - Registro dos postos realizados no Jogo de Boliche!



Fonte: Arquivo da autora!

Durante esta atividade de Boliche as crianças vivenciaram situações que demandavam reflexão sobre suas atitudes na relação com o outro, enquanto discutiam sobre, por exemplo, como jogar, quem jogava primeiro e por que jogava primeiro expunham suas experiências e, aprendiam com as experiências dos outros percebendo, que era possível adequar suas experiências respeitando e valorizando a idéia do outro.

Transcrição do diário de bordo de outra atividade do Boliche!

Data: 28/10/2011

Hoje nossa atividade foi realizada na quadra. Retomamos os combinados e organizamos a brincadeira. Primeiro as crianças se dividiram em grupo: meninos e meninas. Como na sala tem mais meninos dei a sugestão de alguns meninos virem para o grupo das meninas, e, logo o L. e o A. indicaram os meninos que se mostraram mais distraídos, durante a última brincadeira, fossem para o grupo das meninas.

O aluno D. dividiu o grupo e, reclamou que havia mais gente no grupo das meninas. Pedi a ele que contasse novamente, ele continuou dizendo que no grupo das meninas havia mais gente. Contou de novo, e o L. corrigiu a situação.

L.: _ É claro! Ele nem contou com ele no nosso grupo!

O D. riu sem graça e, logo começaram o jogo.

Eles pediram que eu registrasse novamente, pedi o giz e comecei. Eles contavam os pontos com as garrafas que ficavam em pé. Não entendi no começo, mas aceitei e depois no final os meninos acabaram ganhando. (Na verdade quem derrubou mais garrafas foram as meninas, mas a regra internalizada por eles, naquele momento, era não derrubar garrafas!)

Na segunda vez, os meninos derrubaram mais garrafas e vibraram, mas quando foram contar os pontos, ficaram decepcionados.

Terminamos o jogo e voltamos para sala.

Neste momento, foi clara a motivação dos meninos pelo jogo de Boliche simplesmente como uma forma lúdica, as meninas já se concentravam em ir além da brincadeira, queriam ganhar o jogo. Observei que enquanto para os meninos era melhor ter perto os alunos mais espertos na brincadeira, as meninas se organizavam e, procuravam ajudar os meninos que chegaram para compor seu grupo. Com essa atitude, as meninas venceram o jogo, considerando a forma convencional das regras do jogo de Boliche. Porém, os meninos de acordo com as regras criadas e aceitas pelo grupo, foram os vencedores naquele momento.

Transcrição do diário de bordo de outra atividade do Boliche!

01/11/2011

Iniciamos a manhã falando sobre a brincadeira do Boliche, expliquei que a brincadeira aconteceria na quadra e que antes iríamos fazer alguns combinados, deixei que as crianças propusessem esses combinados.

Abaixo registro as falas das crianças:

D.: _ Não pode bater!

L. : _ A A. C. ficou com o joelho machucado ontem na quadra!

Professora: _ A.C. o que sua mãe falou sobre a confusão na quadra?

A. C.: _ Nada não professora.

Professora: _ Vamos listar os combinados no quadro, pode falar um de cada vez.

M.: _ Tem que fazer fila;

R.: _ As meninas é que vão começar hoje!

I.: _ Ninguém vai ajudar as meninas não!

I.: _ Eu que vou arrumar as garrafas.

Professora: _ Hoje vamos contar as garrafas do “Boliche” que ficarem deitadas? Pode ser?

A turma concordou, notei que isto não tinha nenhuma importância para eles. Todos só queriam brincar.

Na quadra as crianças começaram a organização, porém, alguns meninos atrapalharam muito e as meninas reclamaram pedindo minha ajuda. Reforcei a questão dos combinados e o jogo começou. As meninas estavam mais atentas e reclamavam sempre que um colega burlava as regras do jogo.

No final do jogo iniciamos uma avaliação, as meninas venceram o jogo, porém ficaram intimidadas com a pressão dos meninos. Elas exigiram que os combinados fossem respeitados e, a maioria dos meninos se atrapalhou, pois queriam brincar por brincar e os que queriam jogar observando as regras eram vencidos pelos outros.

O D. registrou os pontos e conclui que as meninas venceram.

O L. justificou que o vento também atrapalhou a brincadeira, argumentei como o mesmo vento não atrapalhou as meninas.

Neste dia, observei que as meninas estavam mais criteriosas e seguras para realizarem o jogo ao contrário dos meninos, que continuavam a ver o jogo apenas como mais uma brincadeira coletiva, eles não acreditavam que as meninas poderiam vencer sozinhas e, por isso, se mostravam mais desatentos.

No final foi perceptível a decepção dos meninos em relação ao resultado da brincadeira, quando precisaram admitir a vitória das meninas naquele momento.

Transcrição do diário de bordo da atividade final com o jogo do Boliche!

Data: 04/11/2011

Foto a. De “Molho”!



Foto b. Brincando de Boliche!



Foto c. Brincando de Boliche



Fonte: Arquivo da autora

Hoje retomamos o jogo do Boliche, combinamos durante a semana que na sexta-feira, as crianças brincariam da forma que quisessem.

As fotos **b** e **c** demonstram como os meninos se organizaram. Observei que as crianças usaram todo espaço da quadra para brincar.

As meninas se mostraram mais organizadas e demonstram maturidade para falar sobre as regras do jogo e não precisaram, em nenhum momento, de minha intervenção.

Observe as fotos **d** e **e** logo abaixo.

Foto d. Brincando de Boliche! Foto e. Brincando de Boliche!



Fonte: Arquivo de autora!

Os meninos se dividiram e, a todo o momento, me chamava para resolver alguma questão, eu, porém, sempre devolvia a solicitação para que resolvessem entre eles.

Houve um momento que precisei intervir e colocar 03 colegas de molho, como demonstra a foto **a**. Esses meninos acabaram não dando conta dos resultados, e, começaram a bater nos colegas.

Mesmo com esta situação as crianças continuaram a jogar com tranqüilidade.

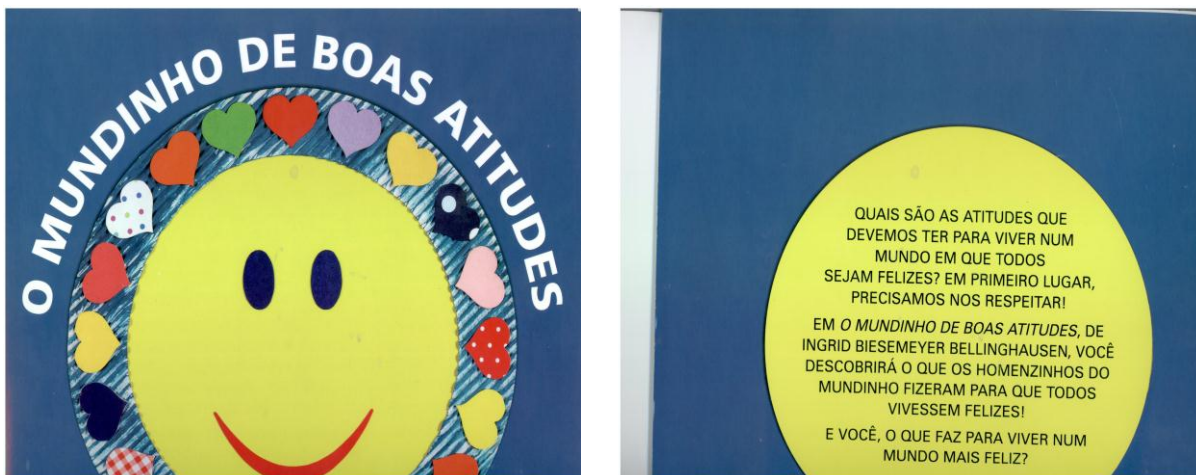
Durante as atividades do jogo de Boliche conclui que a educação é envolvida por um constante processo de formação de valores, e, o desenvolvimento da moral na infância é de responsabilidade dos adultos que lidam diretamente com a criança, no que se refere à Educação Infantil, cabe aos professores que atuam nessa área, a responsabilidade de realizar essa tarefa de forma clara e coerente com os princípios que regem a vida da sociedade.

❖ **Atividade 3 – Leitura: O MUNDINHO de Boas Atitudes!**

Autora: Ingrid BieseMYer Bellinghausen

Data: 11/11/2011

Figura 12 – Páginas do livro: O MUNDINHO de Boas Atitudes!



Fonte: Livro O MUNDINHO de Boas Atitudes!

Durante a leitura das obras que fundamentam este trabalho constatei que muitas regras podem ser discutidas e reavaliadas pelo grupo de crianças, especialmente, as que se referem às atitudes diante dos colegas. A roda de conversa com as crianças opinando sobre suas opiniões abre caminhos para construção de regras que possibilitam a melhor relação do grupo.

Vários acontecimentos ocorridos com nossa turma durante o ano poderiam ser os detonadores para iniciarmos o trabalho sobre as atitudes com os colegas e com outras pessoas em geral. Destaco as atitudes de agressividade de um com o outro nos momentos de brincadeiras na quadra e no pátio, as formas de se relacionarem umas com as outras nas diversas situações coletivas, as formas de conversar, de olhar e de responder nas interações realizadas entre elas.

No registro abaixo há uma reflexão mediada por mim a respeito do fato ocorrido com a aluna A. C. e outro colega na quadra.

Neste dia retomei a conversa sobre o ocorrido na quarta-feira, dia 26 de outubro, no horário do recreio, o colega G. deu uma rasteira na aluna A. C., “sem querer” como ele fez questão de falar; e, por isto, a turma toda ficou sem brincar de Boliche.

Esta sansão, que atingiu todo grupo, já havia sido combinada com o grupo e aconteceria, se houvesse conflitos deste tipo.

Expliquei que, como alguns coleguinhos andavam machucando outros colegas “sem querer”. E, como nossa proposta desde o início do ano, era de nos relacionar melhor uns com os outros e respeitar o tempo do

outro, ou seja, se algum colega não consegue ainda brincar com a mesma agilidade que os outros, deveria ser respeitado como eles gostariam de serem respeitados, no entanto, alguns colegas não estavam observando este combinado,

Expliquei que as meninas estão mais lentas nas brincadeiras, mas isto não dava o direito de alguns meninos quererem machucá-las nas brincadeiras. Por isso, não haveria a brincadeira do Boliche na sexta-feira, dia 28 de outubro.

A mãe da aluna A. C. procurou a coordenadora da Educação infantil e estava bastante nervosa pontuando, que as crianças estavam agressivas e a filha não podia “apanhar” na escola. Pontuou que não tem tempo para ficar na escola todo dia e, que a responsabilidade de tudo o que estava acontecendo era da professora.

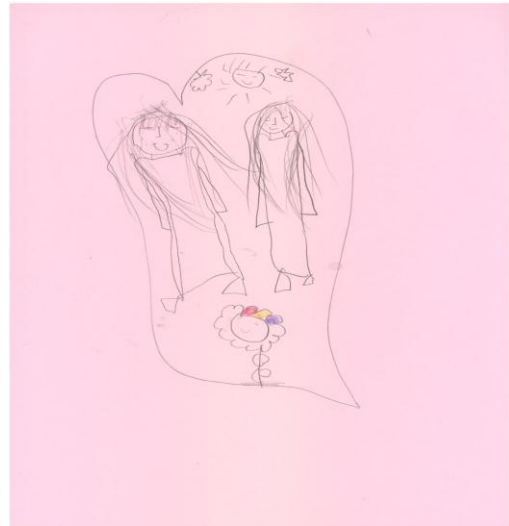
Durante a conversa com a coordenadora sobre o relato desta mãe, concordei em parte, porém, pontuei que as crianças brincam e brigam, e, isto faz parte da infância e colabora no aprendizado de nossas relações na sociedade. Diante deste contexto, iniciei uma conversa sobre as atitudes com o outro e as conseqüências para todo o grupo em nossa sala.

O livro escolhido destaca a importância de boas atitudes consigo e para com o outro. A história do livro mostra bem a necessidade do respeito ao outro e propõe uma “Carta das Boas Atitudes!”, nela, há uma seqüência de atitudes que nos levam a pensar sobre a vida com respeito e nos ensinam palavras e colocações simples que colaboram para um bom relacionamento entre as pessoas. Sugeri que as crianças registrassem o que entenderam do livro em uma folha e falassem o que seu desenho significava.

Em seguida registro algumas produções que caracterizam as falas predominantes das crianças sobre esta leitura:

Figura 13: Ilustração a

Fonte: Arquivo da autora!

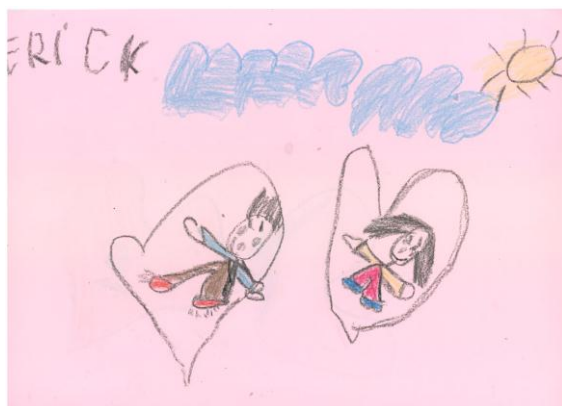
Figura 14: Ilustração b

Fonte: Arquivo da autora!

Acima a ilustração a apresenta a visão da aluna M. sobre o “nosso planeta em forma de um coração comigo e minha família!”; já a ilustração b apresenta a visão da aluna R. que faz questão frisar : “ Eu e minha Mãe! A natureza e nós duas! Respeito e amor!”

Figura 15: Ilustração c

Fonte: Arquivo da autora!

Figura 16: Ilustração d

Fonte: Arquivo da autora!

Acima a ilustração c apresenta a idéia do aluno D. sobre como deveria ser o nosso planeta “O mundo precisa de alegria e amor!”. A ilustração d apresenta o desejo do aluno E. para as crianças do Mundinho: “Crianças brincando sem brigar! Obrigada!”

Os registros acima representam a visão de mundo construída pelas crianças deste grupo, trazendo para o centro a figura da família, e, também valorizando a figura da mãe sempre presente no ambiente escolar.

Para essas crianças a questão do respeito e do amor esta baseada nas relações que observam em seus lares, a forma como a mãe é tratada, as palavras ouvidas nos diversos momentos em casa, a forma como se relacionam com os colegas nas brincadeiras na escola e fora dela, como por exemplo, quando está indo ou voltando para a escola, no percurso entre a casa e a escola.

❖ **Atividade 4 – Brincar de Peteca**

Data: 02/12/11

Neste dia, iniciamos nosso trabalho no espaço da quadra, objetivo foi verificar como a proposta da pesquisa afetou o relacionamento entre as crianças e, se todo esse processo tinha colaborado de forma significativa para a formação de atitudes de cooperação e valores e a construção de regras coletivas entre essas crianças.

A finalidade da atividade era confeccionar uma peteca de jornal para cada criança. Formamos uma rodinha e logo apresentei um modelo e deixei que as crianças manuseassem para identificar de que material aquele brinquedo era feito. Foi interessante perceber as referencias que as crianças faziam sobre o fato de aproveitar um jornal velho para fazer brinquedos. A conversa entre eles era que também outros brinquedos podem ser feitos de peteca, como por exemplo: Bola de Boliche.

Distribui as folhas de jornal entre as crianças e pedi que ajudassem aqueles que não conseguiam acompanhar o desenvolvimento da atividade, já que tínhamos apenas o horário antes do recreio para confeccionar o brinquedo. Observei que enquanto trabalhávamos as crianças interagiam sem brigas e procuravam ajudar os colegas que não conseguiam fazer a peteca, ou, apresentavam alguma dificuldade motora para realizar a tarefa. Constatei que nas atividades coletivas, o grupo continuava a dividir entre o grupo de meninas e o grupo de meninos, às vezes, se misturavam para brincar durante a atividade, mas, para execução da tarefa, se organizavam como se fosse uma disputa de jogo.

A importância dessas interações de grupo é proporcionar às crianças

oportunidades de perceber mudanças em suas relações, pois ao conseguir trabalhar em grupo ajudando, conversando, se tocando sem agressividade demonstra o avanço de suas habilidades sociais que constitui um resultado de uma prática pedagógica de valorização do respeito ao outro sem negar, a importância da interferência do adulto como mediador nas relações entre as crianças nos diversos lugares por onde elas andam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo constatou a importância do tema sobre o desenvolvimento da moral, a formação de valores e o estabelecimento de limites na educação da criança. A partir do diálogo entre a escola e a família sobre esse processo no espaço da Educação Infantil, percebe-se a necessidade de refletirmos sobre a construção da identidade da criança e suas relações na sociedade.

Vivenciamos no espaço escolar representações da linguagem do cotidiano da criança, como exemplo temos as atitudes praticadas com colegas, manifestações de agressividade entre uma criança e outra, formas de resolver os conflitos entre elas, em fim, questões que interferem no desenvolvimento da prática pedagógica.

As teorias que embasaram este trabalho de pesquisa, sobre o desenvolvimento da moral da criança, demonstram como é possível ampliar o olhar para além dessas questões cotidianas. A proposta de se posicionar em favor de uma educação para vida, para um relacionamento social sadio, que considere o bem estar de todos que participam do convívio social constitui uma meta, não só dos educadores, mas, também de todos que, de alguma maneira, se envolvem no processo de educação da criança.

Neste sentido, os resultados da pesquisa confirmam a proposição contida neste texto de que família e escola devem caminhar juntas neste processo de desenvolvimento moral da criança.

Ao ressaltar a importância de uma ação pedagógica que valorize a integração família/escola, considerando, essas duas instituições fortes colaboradoras no desenvolvimento da criança, sobretudo, na observação das experiências trazidas por elas e compartilhadas com os pares nas diferentes relações estabelecidas na sociedade, este trabalho confirma a relevância da reflexão sobre esse tema ao apontar caminhos para compreender manifestações e atitudes das crianças, repensando ações educativas voltadas para a formação moral da criança no ambiente da Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- ARANHA & MARTINS. Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Editora Moderna, 1993. p. 273 – 278.
- DAHRENDORF, Ralf. **Apos 1989: moral, revolução e sociedade civil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 289 p.
- DEVRIES & ZAN. RHETA E BETTY. **A ética na Educação Infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. Porto Alegre: Artmed, 1998. 328p.
- DURKHEIM, Émile. A educação: sua natureza e atribuições. In: Sociologia, Educação e moral. 2º Ed. Porto, Rés-Editora, 2001, p. 5-45.
- DURKHEIM, Emile. **A educação moral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 270 p.
- DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2001. 129 p.
- FORTUNA, Tânia Ramos. **O manejo de situações envolvendo limites na Educação Infantil**. In: Pátio – Educação Infantil, Porto Alegre: Artmed, nº 23, ano VIII, p. 12-15, abr/jun 2010.
- LA TAILLE. Yves de. **Limites: Três Dimensões Educacionais**. São Paulo: Editora Ática, 2001. 151p.
- LA TAILLE. Yves de. **Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 189p.
- LA TAILLE& OLIVEIRA& DANTAS. Yves, Martha Kohl e Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editora, 1992. 115p.
- MEC. REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL. V. 2. **Formação Pessoal e Social**. Brasília, 1998. 86p.
- MENIN, Maria Suzana de Stefano. **Educação Moral na primeira infância**. In: Pátio – Educação Infantil, Porto Alegre: Artmed, nº 23, ano VIII, p. 8-11, abr/jun 2010.
- OLIVEIRA, Martha Kohl. VYGOTSKY: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione 1998. 111p.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus Editora, 1994. 358p.
- PIAGET, Jean; D'AMORIM, Maria Alice Magalhães. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 136 p.
- PUIG, Josep Maria. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ed. Ática, 1998. 253p.

PUIG, Josep Maria. **Ética e valores: métodos para um ensino transversal**. São Paulo: Ed. Àtica, 1998. 226p.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. In: Educação e Pesquisa, São Paulo: Faculdade de Educação - USP, v. 31, n. 3, p.443-466, set./dez. 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 14ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.